

LUIZ GUSTAVO FERREIRA E SILVA

REPÓRTER ESSO

O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história

CFCH/ECO

2006

Luiz Gustavo Ferreira e Silva

REPÓRTER ESSO

O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Comunicação

Graduação em Comunicação Social

Habilitação em Jornalismo

Orientador(a): Prof.^a Ana Paula Goulart

Doutora em Comunicação Social

Rio de Janeiro

2006

Luiz Gustavo Ferreira e Silva

REPÓRTER ESSO

O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história

Monografia apresentada à disciplina Projeto Experimental II, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo

Aprovada em:

Ana Paula Goulart. Doutora em Comunicação Social. ECO/UFRJ

Fernando Antônio Mansur Barbosa. Mestre em Comunicação Social. ECO/UFRJ

Lúcia Santa Cruz, Mestre em Comunicação. ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força em todos os momentos felizes e infelizes. Agradeço à minha família e a todos os meus amigos pelo carinho, pelo apoio e pela compreensão. Agradeço a todos os funcionários da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que, apesar de todos os reveses e todas as dificuldades, conseguem manter a emissora funcionando. Muito obrigado a todos os funcionários, professores e estudantes da Escola de Comunicação da UFRJ.

SILVA, Luiz Gustavo Ferreira e. Repórter Esso: o radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história. Rio de Janeiro, 2006. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Esta monografia se dedica a estudar a trajetória do *Repórter Esso*, o marco inicial do radiojornalismo no Brasil, todo o seu impacto e as principais razões de toda a sua credibilidade junto aos ouvintes. Através de pesquisas em arquivos sonoros da *Rádio Nacional* e de entrevistas com profissionais do rádio, pretende-se realizar um histórico do jornalismo radiofônico desde os seus primeiros dias e de que forma as regras do Repórter Esso influenciaram todas as emissoras de rádio do país.

SUMÁRIO

	p.
INTRODUÇÃO	1
1. OS PIONEIROS	7
1.1 OS PRIMEIROS PASSOS DO RÁDIO NO BRASIL	7
1.2 A RÁDIO NACIONAL	16
2. A ESTRÉIA DO REPÓRTER ESSO, O PRIMEIRO A DAR AS ÚLTIMAS	24
2.1 O MUNDO EM GUERRA	24
2.2 SURGE A “TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA”	28
2.3 CONSOLIDAÇÃO E CREDIBILIDADE	34
2.4 AS PRINCIPAIS MANCHETES	39
3. DEPOIMENTOS DE QUEM FEZ, QUEM FAZ E DE QUEM OUVIU RÁDIO NO BRASIL	46
CONCLUSÕES	52
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Até o dia 28 de agosto de 1941, data em que a *Rádio Nacional* transmitia a primeira edição do *Repórter Esso*, levando aos seus ouvintes as últimas informações sobre a Segunda Guerra Mundial, ainda não se encontrava nas rádios brasileiras um tratamento adequado para a transmissão de notícias no rádio. Os únicos recursos disponíveis até então eram tesoura e cola. As notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais da época e lidas pelo locutor que estivesse ao microfone. O noticiário, patrocinado pela *Esso Standard de Petróleo*, marcaria para sempre o radiojornalismo brasileiro. O *Repórter Esso* era elaborado com base nas notícias distribuídas pela agência americana Unietd Press (UPI) e redigidas por redatores da agência de publicidade McCann-Erickson, detentora da conta da *Esso Standard de Petróleo*. Ao longo dos seus 27 anos de existência – sua última edição ocorreu no dia 31 de dezembro de 1968, poucos meses antes do homem pisar na Lua – o noticiário acompanhou os principais fatos sociais, políticos, econômicos, que se transformaram na história do mundo e do país.

O noticiário já existia nos Estados Unidos desde 1935. A partir dali, se estendeu para outros países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela). Em particular, no extremo sul da América Latina (Argentina, Uruguai, Brasil e Chile), o *Repórter Esso* é considerado um dos mais importantes noticiários do rádio e da televisão em cada país.

A partir do *Repórter Esso*, criou-se um padrão para a produção jornalística nas emissoras de rádio brasileiras, que passaram a utilizar a agilidade do rádio para a divulgação de notícias. Quem viveu aquela época, lembra que as pessoas só davam creditação em alguma informação, se ela fosse dada pelo noticioso da *Esso*, como foi o caso do fim da Segunda Guerra Mundial, tamanha a credibilidade alcançada pelo informativo. O *Repórter Esso* inovava, não somente pela forma de redação, transmissão e de organização de um jornal falado, mas, a partir dele é que se tornou possível a implantação das primeiras redações dentro de emissoras de rádio. A história do radiojornalismo no Brasil, começa, realmente, pela “testemunha ocular da história”. Boa

parte do mundo, em 15 países, a partir da transmissão de 60 rádios que irradiavam o noticiário, parava para ouvir as últimas informações das guerras, os pronunciamentos dos Papas, dos presidentes, dos políticos, dos cientistas e como estavam os astronautas soviéticos e americanos que giravam em torno da terra em naves espaciais.

Ainda é difícil conceber e entender o impacto produzido pelo noticioso da Esso, mesmo levando-se em conta que, naquele tempo, ainda não existia a facilidade de se transmitir uma informação tal como existe hoje, com a televisão e a Internet. Até a metade do século passado, o rádio povoou a mente das pessoas, com seus cantores, seus auditórios, seus apresentadores, suas histórias e suas lendas. Era natural que ele se transformasse também numa fonte de notícias e de informação. Nas décadas de 1940 e 1950, a chamada “era de ouro” do rádio brasileiro, o *Repórter Esso* esteve presente em todos os acontecimentos que marcariam a sociedade brasileira, levando um pouco dessa “magia” para os seus ouvintes pelo país a fora.

É impossível analisar as inovações técnicas pelo *Repórter Esso* sem citar o nome de Heron Domingues, titular do programa por 18 anos. Apesar de ter descoberto seu talento por acaso, Heron foi um profissional que desenvolveu uma técnica e um estilo de locução jornalística imitados pelos companheiros de profissão em praticamente todas as emissoras brasileiras. Além disso, Heron Domingues foi um dos maiores responsáveis pela introdução de regras específicas para o tratamento da notícia no rádio, tal como foi um dos maiores incentivadores da criação de redações jornalísticas dentro das emissoras de rádio, setor que ajudou a implantar na *Rádio Nacional* em 1948, a famosa Seção de Jornais Falados e Reportagens da PRE-8.

Num texto intitulado *Técnica e Execução do Radiojornalismo*, de novembro de 1949, e citado por Sônia Virgínia Moreira no livro *O Rádio no Brasil*, Heron Domingues relacionava os objetivos e a importância do radiojornalismo e listava 22 itens fundamentais para a produção e execução corretas de um jornal falado, já utilizando a sua experiência quase uma década à frente do *Repórter Esso*.

Só eu sei as atribuições desta carreira e, com tal intensidade na minha própria carne, para não desejar que outros venham, por criminoso omissão

de minha parte, viver estes sacrifícios de dias, meses e anos sem um roteiro seguro. Este roteiro surgiu de uma conquista palmo a palmo de território virgem no rádio brasileiro. Foi uma luta que ainda nestes momentos se desenrola com uma intensidade que abala os nossos nervos: contra a indiferença, a ignorância, a incompreensão, a inconsciência e a oposição aberta. Roteiro, apenas: mas é uma contribuição para que as inteligências jovens do radiojornalismo possam ampliar suas possibilidades, sem perder tempo em traçar programas e esquemas. O mapa é este. O caminho foi percorrido. Conseguimos realizar o levantamento do território. O que resta a fazer é estabelecer o domínio perfeito da região. Chegamos primeiro, mas chegamos para sempre. (DOMINGUES, 1949)

Já nos seus primeiros anos, o Repórter Esso passou a ser considerado sinônimo de informação e de credibilidade. Todo o seu método de redação e de produção (até então novidade por aqui), trazidas pela UPI e pela agência de publicidade McCann-Eriksson, bem como as suas inovações técnicas foram encontraram na figura de Heron Domingues um fiel defensor. O próprio Heron chegou a implantar e a criar novas técnicas que visavam facilitar a redação e a leitura dos jornais-falados. Já em meados da década de 50, já era comum a figura do repórter trabalhando dentro da emissora e os seus boletins sempre estavam presentes em toda a programação. No mesmo texto, Heron explica o segredo desse sucesso.

A imprensa é a análise, o rádio é a síntese. A imprensa dirige-se aos que sabem ler; o rádio fala, também aos que são analfabetos. As frases radiofônicas são curtas, contêm apenas o sujeito, o verbo e o objeto direto ou indireto. Em casos especialíssimos recorremos ao luxo dos adjetivos ou ao desperdício dos pleonasmos de efeito. A vibração da palavra no tímpano de cada ouvido é fugaz; e o entendimento deve ser instantâneo para que o cérebro possa acompanhar o curso da notícia. Não há retrocesso possível. Talvez seja por isso que o rádio se transformou no dominador que é. Quando um noticiário bem lido varre um compartimento, os homens param de conversar para prestar atenção. E ganham novo respeito pela voz que os faz calar sem uma ordem especial. Também este é outro

motivo pelo qual uma notícia tem que ser bem-feita: ela tem que valer a atenção do ouvinte; não pode decepcioná-lo. O seu preço tem que ser equivalente ao da interrupção feita na palestra dos interlocutores. (DOMINGUES, 1949)

As novas regras de redação e de produção e essa dedicação demonstrada por Heron Domingues à frente o *Repórter Esso* trazem à tona algumas perguntas: o que o Repórter Esso trazia de inovador para o rádio brasileiro? Como o *Repórter Esso* conseguiu tamanha credibilidade perante o povo? Quais foram as principais mudanças ocorridas no radiojornalismo brasileiro depois do *Repórter Esso*? De que maneira o *Repórter Esso* influenciou toda a produção jornalística nas emissoras de rádio? Essa influência ainda está presente nas emissoras de hoje? São perguntas como essas que ainda povoam a mente de qualquer pessoa que se proponha a estudar não só a trajetória do jornal-falado da Esso, mas toda a história da produção radiofônica brasileira. Diziam os mais antigos que a pontualidade do noticioso era tanta que as pessoas chegavam a acertar os relógios ao ouvir o prefixo composto e executado pelo Maestro Carioca.

Apesar do rádio ter se tornado tema mais presente entre pesquisadores e os trabalhos finais de curso dos estudantes da área de comunicação social, são poucos os que se propõem a realizar um estudo profundo sobre o assunto. Muitos desses trabalhos limitam-se a manuais de redação e/ou locução, ou analisam apenas um momento específico de emissoras, profissionais e programas radiofônicos. Por outro lado, é interessante constatar que apesar desse número reduzido de textos publicados que o elegeram como tema principal, o rádio brasileiro parece estar passando por uma fase de redescoberta, tanto por aqueles nele trabalham como pelos estudiosos da área.

Entretanto, se faltam dados sobre a história do rádio, o mesmo pode ser dito dos jornais radiofônicos. Muito pouco se conhece sobre os primeiros jornais falados da história do rádio brasileiro, como eles eram realizados, quais os critérios de escolha das notícias etc. Sobre o *Repórter Esso*, sabe-se apenas a sua metodologia de trabalho, a forma de redação, a estrutura e a organização para a cobertura das notícias. Quase não há material sobre o impacto sofrido pelos ouvintes com o que até então era novidade: um jornal escrito especialmente para o rádio. Pouco se conhece sobre o próprio trabalho de Heron

Domingues, à frente do *Repórter Esso*, no que tange à sua técnica e ao seu estilo de locução, copiado por vários profissionais ao longo dos anos.

O que se propõe aqui é um estudo sobre a formação da sua linguagem e de como a produção jornalística se adaptou às exigências do “novo veículo”. Além disso, pretende-se trabalhar com a história dos primeiros noticiosos da radiodifusão brasileira, desde o tempo em que as únicas ferramentas disponíveis para elaboração de um jornal-falado eram tesoura, cola e um jornal qualquer. E o *Repórter Esso* pode ajudar a resolver tais questões, já que foi o introdutor, através de seus profissionais, de boa parte das técnicas de redação e de produção conhecidas nas redações das mais importantes rádios do Brasil. Pode-se dizer até que grande parte do conteúdo dos manuais de redação/locução existentes hoje já estava presente no manual de produção e redação do *Repórter Esso*.

Para se atingir o objetivo de resgatar um pouco da história dos primórdios do radiojornalismo brasileiro, foram analisados depoimentos de pessoas que viveram aquela época. Não só os jornalistas, locutores e redatores, mas os operadores de áudio e demais técnicos que participavam de toda a produção do noticioso. Assim, além de realizar o trabalho de coleta de dados, esta monografia presta também uma homenagem a essas pessoas que estiveram presentes em boa parte da história do rádio brasileiro e viram com os próprios olhos as mudanças implantadas no veículo com o passar do tempo.

Também não se pode esquecer que, se o rádio conseguiu atingir tamanha popularidade no Brasil, uma das maiores responsáveis por isso é a *Rádio Nacional*. A emissora da Praça Mauá foi uma das maiores inovadoras desse meio e um dos maiores “celeiros criativos” da história da radiodifusão brasileira. Não só na produção musical e artística, mas, sobretudo, no jornalismo radiofônico. Heron Domingues encontrou na PRE-8 uma das maiores incentivadoras do seu trabalho. Tanto que, já em meados da década de 50, a *Rádio Nacional* já fazia frente aos grandes órgãos da imprensa na cobertura dos fatos que marcaria toda a história recente do Brasil. Por isso, também cabe aqui fazer um pequeno histórico sobre a *Rádio Nacional* e a sua filosofia de produção e criação, para que se melhor possa compreender o caminho trilhado pelo *Repórter Esso* até a sua consagração definitiva.

Em suma, não se pretende realizar aqui um novo tratado sobre a história da radiodifusão brasileira e sobre o radiojornalismo, mas uma reconstrução do início dessa

história e uma homenagem às pessoas que trabalharam e se dedicaram à rádio ao longo desses anos todos. Desde a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, passando pelo início da formação de uma linguagem específica para o rádio, até a sua consolidação e sua postura frente aos acontecimentos que marcariam a sociedade brasileira. O *Repórter Esso* será o foco desta pesquisa, pois foi um grande divisor de águas no rádio brasileiro e, por que não dizer que foi a pedra fundamental do radiojornalismo feito aqui no Brasil.

1. OS PIONEIROS

Seria praticamente impossível falar do *Repórter Esso* e todo o início do radiojornalismo no Brasil sem mencionar os principais responsáveis pelas primeiras inovações tecnológicas referentes à transmissão de voz e dos desbravadores que acreditaram no potencial que o rádio tem para informar. Todas essas pessoas são, direta ou indiretamente, responsáveis por tudo o que conhecemos em matéria de transmissão radiofônica e até pela formação de linguagens específicas para todos os meios de comunicação que usufruímos nos dias de hoje.

Antes de se analisar o *Repórter Esso*, seus impactos na sociedade, sua dinâmica de trabalho e sua contribuição ao radiojornalismo brasileiro, faz-se necessário conhecer os primeiros passos do rádio no nosso país, desde as primeiras transmissões, passando pela formação da sua linguagem até a sua consolidação definitiva no Brasil. Cabe aqui, também destacar a emissora que ficaria marcada como uma das maiores da história da radiodifusão brasileira e que serviria de casa para o *Repórter Esso* e para outras inovações: a PRE-8, *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro.

OS PRIMEIROS PASSOS DO RÁDIO NO BRASIL

Antes de se falar do rádio e seu desenvolvimento nas áreas técnica e de produção, além dos primeiros passos do radiojornalismo, faz-se necessário destacar dois desbravadores que, sem eles, muitas inovações tecnológicas que fazem parte do nosso cotidiano hoje, provavelmente não existiriam. Trata-se do italiano Guglielmo Marconi e do padre brasileiro Roberto Landell de Moura.

Grande parte dos meios de comunicação que conhecemos hoje – o rádio, a televisão e até mesmo a Internet – fazem parte de uma evolução tecnológica iniciada em 1901, quando o italiano Guglielmo Marconi conseguiu transmitir a letra “s”, em Código Morse, de um lado a outro do Oceano Atlântico. Marconi descobriu que poderia utilizar transmissores e receptores de impulsos eletromagnéticos para fazer funcionar um telégrafo convencional (ainda com fios). A operação só foi possível através do uso de grandes

antenas inventadas pelo próprio físico, que davam direção definida às ondas de rádio – como passariam a ser denominadas as transferências de energia eletromagnética.

A descoberta de Marconi foi aprimorada a tal ponto que permitiriam, ainda na primeira década do século passado, a transmissão da voz humana e música, por meio de emissores de ondas regulares e contínuas. Grande parte do que se hoje em matéria de transmissão radiofônica teve seu início com Marconi e com outros desbravadores.

O rádio como meio de comunicação de massa surgiu nos EUA, no dia 2 de novembro de 1920, quando a emissora *KDKA*, da cidade de Pittsburg, na Pensilvânia, transmitiu os resultados das eleições norte-americanas. Mas existem alguns detalhes que a história das comunicações deixou passar despercebidos. Foram as primeiras experiências da transmissão sem fio da palavra humana realizadas pelo padre gaúcho Roberto Landell de Moura, também um pioneiro e um desbravador na área das telecomunicações e da radiofonia. Contemporâneo do físico italiano Marconi, o padre Landell de Moura se formou em Ciências Físicas e Químicas em Roma e estudou na *Escola Politécnica do Rio de Janeiro*.

Era um inventor nato. Em 1893, em Campinas, ele já construía inventos que assustavam seus paroquianos. Seus inventos foram patenteados em São Paulo em 1900, e nos Estados Unidos em 1904. Era um telégrafo sem fio, o telefone sem fio e um transmissor de ondas sonoras. Para nós, o Padre Landell de Moura pode ser comparado a Santos Dumont. Um inventou o avião, o outro teria inventado o rádio. Nenhum dos dois levou a primazia desses inventos, porque outros apareceram apoiados por forças poderosas e de alcance muito maior, internacional. (SAROLDI, 1998, BBC, Programa 01)

Para muitos, o padre Landell de Moura é o verdadeiro inventor do rádio e foi um dos primeiros a acreditar na possibilidade de se transmitir sons a grandes distâncias. E não se pode negar que, sem o seu esforço, possivelmente o rádio teria demorado mais tempo para chegar ao Brasil.

No dia 7 de setembro de 1922, é realizada a primeira transmissão radiofônica oficial da história do país, com um discurso do então presidente da república Epitácio Pessoa, como parte das comemorações do Centenário da Independência. O discurso foi irradiado através da estação de 500 watts montada no alto do Corcovado pela companhia americana *Westinghouse*, captada por alto-falantes instalados em pontos estratégicos da Exposição Internacional do Centenário da Independência e, até o momento da transmissão, ignorados por todos os visitantes presentes. Apesar da má qualidade da recepção, cheia de ruídos, ela instigou a curiosidade de todos os presentes na exposição sobre aquela “novidade” chamada rádio.

O povo que se juntava na Exposição do Centenário era pior que São Tomé: estava vendo, ouvindo e não acreditando. Como é que um aparelhinho pequenino lá longe, sem nada, sem fios, sem coisa nenhuma podia ser ouvido à distância? E ficaram embasbacados. (MURCE, 1998, BBC, Programa 01)

Os rádio-receptores da época eram, em sua maioria de galena, muito instáveis e muito complicados de se operar, de tal modo que os únicos que conseguiram escutar alguma coisa foram as pessoas presentes na Exposição do Centenário. Na ocasião, *O Guarani*, de Carlos Gomes, foi irradiado diretamente do *Teatro Municipal*. Essa foi a primeira experiência do rádio no Brasil.

O título de pioneira na área da radiofonia no Brasil é reclamado pela *Rádio Clube de Pernambuco*, cujo registro data de 6 de abril de 1919. Mas, em sua maioria, as experiências dos jovens desbravadores pernambucanos se tratavam de pesquisas de recepção radiotelefônicas e não radiofônicas, embora tenham conseguido transformar um transmissor radiotelegráfico num transmissor radiofônico no fim do ano de 1922.

Sete meses depois do histórico discurso do presidente Epitácio Pessoa, o médico e antropólogo Edgard Roquette Pinto e o astrônomo Henrique Morize, ao lado de seus colegas da Academia de Ciências, assinavam a ata de fundação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, esta sim a primeira emissora de rádio do Brasil. A PRA-A (mais tarde

PRA-2) iniciou suas transmissões regulares a 7 de setembro de 1923, contando com o transmissor que lhe foi oferecido pela Casa Pekan, de Buenos Aires.

No começo de 1923 desmontava-se a estação do Corcovado e a da Praia Vermelha ia seguir o mesmo destino se o Governo não a comprasse. O Brasil ia ficar sem rádio. Ora, eu vivia angustiado com essa história, porque já tinha a convicção profunda do valor informativo e cultural do sistema desde que ouvira as transmissões do Corcovado alguns meses antes. Mas uma andorinha não faz verão. Resolvi interessar no problema a Academia de Ciências. Era presidente o nosso querido mestre Henrique Morize, eu era secretário. E foi assim que nasceu a Rádio Sociedade do RJ, a 20 de abril de 1923. (ROQUETTE-PINTO, 1998, BBC, Programa 01)

É importante lembrar que Roquette Pinto e Henrique Morize impunham à *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* um caráter essencialmente educativo. Esse modelo seria adotado por outras emissoras fundadas tanto na capital quanto em outros pontos do país no período compreendido entre 1922 e 1932, o ciclo pioneiro do rádio brasileiro. Não é à toa que essas estações incorporaram aos seus nomes a classificação de “clubes” ou “educadoras”, sendo mantidas pela contribuição mensal de seus sócios e/ou ouvintes.

Mas o rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros. Também a programação não estava voltada para atingir aos objetivos a que se propunham seus fundadores: “levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria”. Nasceu como um empreendimento de intelectuais e cientistas e suas finalidades eram basicamente culturais, educativas e altruísticas. (ORTRIWANO, 1985, p. 14)

Nesse período inicial do rádio brasileiro, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesia, concertos, palestras culturais etc. Roquette Pinto estava convencido, desde o início, de que o rádio se transformaria num meio de comunicação de massa. E, devido a essa certeza e à vontade de divulgar a ciência pelas

camadas populares, muitas iniciativas foram tomadas no sentido da implantação e consolidação efetiva da radiodifusão no Brasil. Destacam-se outras emissoras nesse período: a *Rádio Club do Brasil*, de 1924, a *Rádio Educadora do Brasil*, de 1926, a *Rádio Mayrink Veiga*, do mesmo ano e a *Rádio Philips*, de 1930.

O rádio naquele tempo era uma coisa muito amadorista, mas muito mesmo. Você vê pelo nome: Rádio Sociedade do RJ. Era uma sociedade. Era um grupo de amigos que pagava uma determinada importância para a manutenção da rádio. Além disso, havia também algumas firmas comerciais. Eu me lembro do tempo em que o locutor, que naquele tempo era chamado speaker, da Rádio Sociedade, chegava e dizia: “Vamos ouvir agora a relação das firmas que contribuem para a manutenção da Rádio Sociedade do RJ.” (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 01)

É bom lembrar que, nesse primeiro momento do rádio no Brasil, as primeiras experiências de programação ocorriam com uma certa lentidão, já que as irradiações iam acontecendo sem qualquer hora determinada. Assim foi com os concertos musicais, com as palestras e também com as primeiras experiências no radiojornalismo. E a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* transmitia todos os dias o seu *Jornal da Manhã* que era apresentado de uma forma muito curiosa por Roquette Pinto.

Ele folheava todos os jornais com um lápis grande, sempre andava com um lápis vermelho na mão e ele apanhava o jornal e riscava todas as notícias que ele achava interessante para o rádio. Depois que ele estava com os jornais todos riscados ele tinha o telefone direto pra Rádio Sociedade, então ele mandava o João Naves Júnior que era o técnico: “Você pode botar a estação no ar”. E então, ele mesmo falava sobre cada assunto. (ROQUETTE, Beatriz, 1998, BBC, Programa 01)

Roquette Pinto, aliado a esse espírito jornalístico, tinha como principal objetivo para o rádio a cultura. Isto o levou a transmitir vozes de vários intelectuais que visitaram o Brasil naquela época, como o físico Albert Einstein. Roquette também foi o

pioneiro na transmissão de uma ópera completa pelo rádio, quando colocou no ar, no dia 4 de julho de 1926, o *Rigolletto* de Verdi.

No início da década de 30 surgiram as primeiras críticas jornalísticas especializadas, comentando os programas e as músicas veiculadas. Em 1933, por exemplo, atuaram nessa área Paulo Roberto (médico que mais tarde veio a ser radialista) e Orestes Barbosa (escritor e jornalista). O gênero jornalístico acrescentou a crônica do rádio que ficava a cargo dos grandes escritores, com seus comentários sóbrios lidos aos microfones pelos melhores locutores. Dentre eles apareciam Genolino Amado, José Mariano, Luís Peixoto e Antônio Alcântara Machado. Programas como *O Mundo em Foco*, com duração de cinco minutos e *Cidade Maravilhosa*, na *Rádio Mayrink Veiga*, apresentados por César Ladeira, são exemplos desses programas. As crônicas iam dos acontecimentos científicos, das proezas dos balonistas e aviadores da época até as experiências científicas, como a exploração das esferas do fundo dos mares. Todos os acontecimentos serviam de núcleo para o seu enfoque.

Os noticiosos com comentários políticos e sociais também se faziam presentes dinamizando a programação; e, em 1930, as campanhas de Júlio Prestes e Getúlio Vargas, a deposição de Washington Luís, todos os acontecimentos que marcaram a vida do país, tiveram seu lugar no rádio.

O rádio, no entanto, só começou a ser visto como um meio de comunicação apto com os outros veículos utilizados a partir de meados da década de 30. Os próprios profissionais do rádio eram os responsáveis por angariar os fundos e contatar os anunciantes, sem a participação de qualquer intermediário. Já em 1929, surgiram os primeiros concursos para speakers (a expressão locutor-apresentador não era usada, pois o termo foi assimilado do inglês para designar algumas categorias funcionais). Posteriormente apareceram os primeiros produtores e programadores do rádio, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de um início de comercialização, ainda proibida na época, em 1929, com a atuação das firmas “patrocinadoras”, que na verdade só emprestavam uma colaboração com a programação, através da cessão de discos, era preciso muita garra e paciência nas abordagens dos primeiros contatos da radiodifusão, sendo, estes os próprios

radialistas da época. Ademar Casé foi, sem dúvida, um dos mais famosos; com criatividade conseguia “patrocinadores” como nenhum outro.

Ademar Casé criou um plano promocional até então inédito. Depois de selecionar residências que possuíssem telefone – um símbolo de status na época – Casé enchia seu carro de receptores e visitava vários endereços de uma mesma região. Sem qualquer compromisso, Casé convencia a dona da casa a assumir a compra do aparelho de rádio sem o consentimento do marido. O aparelho era deixado na casa a título de confiança e seria recolhido dias depois. Como o próprio Ademar Casé relatou, ele encontrava a resistência da dona da casa em desistir do rádio que acabava sendo comprado. A eficácia do plano e o grande número de rádios vendidos acabaram fazendo com que Casé fosse apresentado a Augusto Vitorino Borges, que, junto com outros empresários, pretendiam lançar uma estação de rádio para comercializar os aparelhos Philips na cidade do Rio de Janeiro.

Ademar Case propôs à Philips o aluguel da estação por quatro horas, sem possuir qualquer experiência radiofônica ou artística. Casé pretendia fazer algo menos convencional do que era oferecido pelas emissoras cariocas naquele tempo, embora não soubesse como fazer. Seu padrão de qualidade limitava-se no que captava em ondas curtas na BBC de Londres ou nas emissoras norte-americanas, com programações mais dinâmicas e variadas do que as que eram feitas aqui no Brasil até então. Para conseguir algum contato com o meio artístico, Casé recorreu ao cantor Sílvio Salema. Assim, no dia 14 de fevereiro de 1932, foi ao ar pela primeira vez o *Programa Casé*, um marco na história do rádio brasileiro.

Foi no *Programa Casé* – batizado na última hora pelos diretores da Philips – que apareceram os primeiros anúncios comerciais cantados, o que se pode chamar de um embrião dos jingles. Isso só se deu porque o rádio já contava com mais elementos: surgiam os produtores, os redatores, o contra-regra e outros elementos. Em suma, o rádio vinha tomando cada vez mais a forma de trabalho coletivo.

Em 1933, Ademar Casé era surpreendido pela interrupção das atividades radiofônicas da Philips. Então, Roquette Pinto lhe ofereceu um espaço na *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, onde ficou até 1935. No mesmo ano, se transferia para a *Rádio*

Transmissora já contando com 27 patrocinadores. Em 1937, Casé transferia seu elenco para a recém-fundada *Rádio Ipanema* e, em 1940, se mudaria para a *Rádio Mayrink Veiga*. Ademar Casé ainda passaria pela *Rádio Globo* e pela *Rádio Tupi*, encerrando as suas atividades em 1951, quase 20 anos depois de sua estréia.

Mas a grande revolução no rádio brasileiro se deu no dia 1º de março de 1932. O Decreto-Lei n.º 21.111 permitiu a veiculação de publicidade no rádio. Esse decreto veio regulamentar o Decreto n.º 20.047, de maio de 1931, primeiro diploma legal sobre a radiodifusão, surgido apenas nove anos depois a implantação do rádio no nosso país.

O Governo mostra, a partir dos anos 30, preocupar-se seriamente com o novo meio, que definia como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”, regulamentando o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhe bases econômicas mais sólidas, concretizadas pelo Decreto n.º 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, tendo limitado sua manifestação, inicialmente a 10% da programação, posteriormente elevada para 20% e, (...) fixada em 25%. A introdução de mensagens comerciais transfigura imediatamente o rádio: o que era “erudito”, “educativo”, “cultural” passa a transformar-se em “popular”, voltado ao lazer e à diversão. (ORTRIWANO, 1985, p. 15)

Com a entrada da publicidade no rádio, algumas regras foram estabelecidas na programação das emissoras. Para atingir o público, as mensagens comerciais não podiam interromper os concertos, mas elas passaram a ser intercaladas entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação.

Mesmo com o Decreto de Vargas que permitia a veiculação de comerciais, a profissionalização do rádio não se deu de imediato e os cachês eram ínfimos, quando havia. Os únicos a receberem ordenados fixos eram os *speakers*. Programas de vários gêneros foram sendo introduzidos nas programações, como as transmissões esportivas, principalmente corridas de automóvel e futebol na *Rádio Educadora* e na *Rádio Record*, ambas de São Paulo, na *Rádio Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, onde as corridas de cavalos eram transmitidas diretamente da Gávea.

Os assuntos tratados nesses programas iam desde os acontecimentos científicos aos curiosos e dramáticos, das proezas dos balonistas da época até as mais modernas experiências científicas de então, e de fatos notáveis como a exploração das esferas do fundo dos mares, as conquistas das mulheres que passavam a se liberar, o rapto do filho de Lindenberg, entre outros. Em suma, todos os acontecimentos serviam de núcleo para o seu enfoque.

Dois anos antes do Decreto-Lei n.º 21.111, o Brasil já era sacudido pela Revolução de 1930. E um outro fator que possibilitou o crescimento do rádio no Brasil foi a constatação feita pelos revolucionários de que o rádio educativo não era compatível com os objetivos de uma emissora popular. Getúlio Vargas, o próprio Roquette Pinto e outros contemporâneos seus acreditavam na missão de preparar o povo para a ascensão social por meios pacíficos. E o rádio tinha plenas condições de ser o instrumento adequado para chegar a todos os pontos do país – realizando a tão sonhada integração nacional que Getúlio Vargas desejava – e às mais diversas camadas da população. E para o bom cumprimento dessa missão, precisava-se de uma estrutura jurídica que desse à emissora oficial do governo a liberdade de competir no mercado publicitário, para que todos os lucros obtidos fossem reinvestidos em manutenção, reequipamento e em uma permanente expansão do veículo. As notícias sobre as campanhas de Getúlio Vargas e Júlio Prestes e a deposição de Washington Luís também tiveram seu lugar no rádio, que já apresentava noticiosos com comentários políticos e sociais, dinamizando a programação.

É interessante notar que o rádio, já nessa época, mostrava todo – ou quase todo – o seu potencial. No dia 9 de setembro de 1932, teve início a Revolução Constitucionalista de São Paulo, e a *Rádio Record* de São Paulo a partir desse instante, se colocava como “a voz da revolução”, quando Nicolau Tuma leu, emocionado, o pronunciamento oficial. Foi nesse contexto que Antônio Alcântara Machado foi chamado a escrever os emocionantes lances e apelos revolucionários. A *Rádio Record* participou involuntariamente das manifestações estudantis, pois a 23 de maio foi invadida por um grupo deles, chefiado por José Branco Lefère, o qual lançou um manifesto pelos seus microfones feito em “favor da liberdade do Brasil e pela Constituição”. A força do rádio e sua penetração foram percebidas pelos contra-revolucionários, pois o governo federal logo

resolveu “controlar” todas as emissoras do país, no sentido de não divulgarem as notícias de São Paulo. A *Record* passou a ser a única voz e elemento de ligação com o resto do território, mormente com o Rio de Janeiro, onde a voz de César Ladeira e sua eloquência diante dos microfones passaram a ser admirada.

Posteriormente, César Ladeira se mudaria em 1933 para o Rio de Janeiro, chegando à PRA-9, *Rádio Mayrink Veiga*. Lá, César Ladeira imprimiu uma nova personalidade à emissora devido à sua presença marcante no microfone e à sua participação em programas como *Biblioteca do Ar*, o pioneiro *Teatro pelos Ares* e *Crônicas da Cidade Maravilhosa*, de Genolino Amado.

Se o rádio brasileiro, desde as experiências de Guglielmo Marconi e do Padre Landell de Moura, passando pelo pioneirismo de Roquette Pinto e Ademar Casé, viveu vários anos de quase amadorismo, um dos motivos era a necessidade que as emissoras tinham de sobreviver com o capital de seus proprietários e com o pagamento das mensalidades de seus sócios, o que raramente acontecia. Com a publicidade paga, começaram a aparecer os recursos financeiros que possibilitariam novos progressos. As emissoras podiam contar agora com a maior participação de cantores e músicos, já que havia a possibilidade de pagamento de maiores cachês. Surgiram então os primeiros programas especificamente comerciais, que iriam modificar os rumos seguidos pelo rádio nos anos 20.

A RÁDIO NACIONAL

Naquele momento, muitas empresas jornalísticas já viam no rádio um meio de unificar as suas forças. Os grandes jornais já tinham noção de que não viveriam ou não sobreviveriam se não tivessem o amparo do rádio para unificar suas forças e aumentar seu alcance. Nesse contexto surgiam a *Rádio Jornal do Brasil*, a *Rádio Tupi* (ligada aos *Diários Associados*) e a *Rádio Globo*. O grupo *A Noite*, que detinha o jornal de mesmo nome e revistas como *Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler* também percebeu esse poder que o rádio possuía.

No dia 7 de setembro de 1929, era inaugurada a sede do jornal *A Noite*, na Praça Mauá, um acontecimento celebrado com grande jantar para jornalistas, funcionários, representantes do comércio e da indústria e convidados ilustres. *A Noite* resolveu se aventurar pelos caminhos do rádio, constituindo, no dia 18 de maio de 1933, a Sociedade Civil Brasileira Rádio Nacional. Ela nascia do resultado da venda da *Rádio Philips*, que havia desistido de ter uma emissora para incentivar a venda de seus aparelhos de rádio. Na época, quase ninguém fazia idéia de que ao devolver a concessão da PRA-X e encerrar suas atividades radiofônicas, a Philips cederia o seu transmissor importado para a instalação de uma nova emissora que já nascia predestinada a marcar seu nome na história da radiodifusão brasileira.

Às 9 horas da noite do dia 12 de setembro de 1936, era fundada a PRE-8, *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*. Depois das notas iniciais de *Luar do Sertão*, de Catulo da Paixão Cearense, Celso Guimarães proferia as primeiras palavras ao microfone da PRE-8: “Alô, alô, Brasil! Aqui fala a *Rádio Nacional do Rio de Janeiro!*” Seguia-se daí também a primeira transmissão externa da emissora: o cardeal dom Sebastião Leme abençoava a nova estação diretamente do palácio São Joaquim, no bairro da Glória. Apesar de toda a pompa e de toda a festa na inauguração da PRE-8 com direito a convidados ilustres e representantes do Governo Federal, a *Rádio Nacional*, como todas as outras emissoras da época, também teve um início difícil.

A Rádio Nacional começou como todas as estações de rádio daquela época, fazendo uma programaçãozinha, e “zinha” mesmo. Era uma programação baseada muito na estrela, no artista, baseada muito no chamado quarto de hora. “E agora vamos ouvir o quarto de hora de Elisinha Coelho”. E ela cantava 15 minutos e ia embora. (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 02)

A empresa *A Noite* já era forte e já detinha uma certa preferência popular, portanto, a *Rádio Nacional* já nasceu como herdeira natural dessa preferência. Mesmo assim a PRE-8 demorou até conseguir liderar a audiência que era até então da *Rádio Mayrink Veiga* e antes da *Rádio Transmissora*. Logo nos seus primeiros dias a *Nacional* já apresentava ao público nomes internacionais especialmente contratados e muitos outros que

vinham ao Brasil para se apresentarem nos palcos teatrais. Com isso, o público ouvinte que não podia ir ver os grandes cartazes podia ouvi-los. A *Nacional* já começava a revolucionar o rádio no Brasil.

A democratização posterior oferecida pelo auditório gratuito acrescentou a essa atividade a possibilidade de cerca de 500 privilegiados poderem participar da platéia, vendo diretamente as apresentações desses astros. A contratação dessas estrelas era possível graças à comercialização e alcance nacional da veiculação que permitiam redução e diluição dos custos. Artistas nacionais como Carmem Miranda e o Bando da Lua tiveram seu prestígio maior no palco da Nacional. (FREDERICO, 1982, p. 71)

Os profissionais da *Rádio Nacional* foram responsáveis por boa parte das inovações técnicas e de linguagem do rádio brasileiro nos seus primeiros anos. Prova disso é a atuação e o pioneirismo de Henrique Foreis Domingues, o Almirante, a maior patente do rádio. Formado na escola do *Programa Casé*, Almirante seria contratado pela PRE-8 em abril de 1938. E na *Rádio Nacional* seu talento criador surgiria com toda a força. No mesmo ano de sua chegada, Almirante lançava o programa *Curiosidades Musicais*, o primeiro programa montado do rádio brasileiro. Patrocinado pelo colírio Moura Brasil, *Curiosidades Musicais* focalizava temas diversos, como a história de uma sinfonia, de um choro ou de uma marcha carnavalesca.

Inicialmente, Almirante havia recebido uma proposta só para cantar. Mas ele fez uma contraproposta simples e inovadora: em vez de cantar três vezes por semana, Almirante propunha cantar dois dias e no terceiro dia fazer um programa, contando histórias, curiosidades musicais, coisas que até o momento nunca haviam sido vistas no rádio brasileiro. A idéia do programa, segundo o próprio Almirante, era ensinar e informar os ouvintes.

Ficar falando durante trinta minutos mostrando músicas e tudo isso, eu então descobri uma forma e criei uma série de anedotas. Eu ia falando uma coisa séria mas, de repente, eu saía do assunto. Uma hipótese que eu vou citar: o Hino Nacional. Queria contar o Hino Nacional. Ora, se eu ficar

falando durante trinta minutos citando a história do Francisco Manuel da Silva é um negócio massudo. Então eu inventei e criei, não tendo artistas para fazer aquilo, eu sozinho fazia todas as vozes. Aquilo teve um efeito enorme. (ALMIRANTE, 1998, BBC, Programa 02)

A produção de um programa envolvendo música, texto, narração, cantores e atores exigia e mobilização de toda uma equipe. Entretanto, essa equipe já podia ser encontrada na ainda Sociedade Civil Brasileira Rádio Nacional. O caminho aberto por *Curiosidades Musicais* levaria Almirante a outros êxitos como o programa *Caixa de Perguntas*, com o animador testando os conhecimentos gerais do público. Finalmente, em 15 de junho de 1940, estreava a série *Instantâneos Sonoros do Brasil*.

Almirante formaria com Radamés Gnatalli e José Mauro o “tripé criativo” da *Rádio Nacional*. A eles, se juntariam, posteriormente, Haroldo Barbosa e Paulo Tapajós. Esses cinco profissionais, juntos ou separados, seriam responsáveis por grandes momentos da emissora carioca nas décadas de 40 e 50.

Outro grande trunfo da PRE-8 foi, sem dúvida, a produção musical. Nos seus primeiros anos, a *Nacional* possuía uma orquestra de jazz e uma de tangos, onde Radamés Gnatalli era pianista. A música brasileira era executada apenas através dos chamados regionais. Já as demais orquestras de salão tocavam música ligeira, valsas, operetas e etc. O acompanhamento orquestral era feito através de partituras importadas. E restava aos cantores de samba a companhia do regional, formação de instrumentos de corda, percussão e sopro, sempre pronta a preencher qualquer espaço na programação da emissora. Na época, o conjunto da *Nacional* contava com a liderança do flautista Dante Santoro.

Caberia ao próprio Radamés Gnatalli fornecer outra moldura aos cantores brasileiros além daquela já utilizada pelos regionais. Radamés começou com arranjos para trios e quartetos. Posteriormente, os arranjos musicais foram enriquecidos a tal ponto que Orlando Silva, chamado de o “cantor das multidões” passou a exigir da sua gravadora, a RCA Victor que seus discos contassem com a roupagem musical providenciada por Radamés Gnatalli.

Mas a PRE-8, com tantos talentos individuais à disposição, precisava de uma figura que se encarregasse do acabamento geral e de dar uma filosofia de trabalho para cada

prefixo: o diretor artístico. Ele devia aliar sensibilidade musical, bom gosto, senso de equilíbrio e capacidade de liderança. Depois das contribuições de Celso Guimarães e Oduvaldo Cozzi, a *Rádio Nacional* encontrou na figura do então jovem de 22 anos, José Mauro, um talento precoce para o cargo.

O rádio-teatro também teve seu espaço nos primeiros dias da *Rádio Nacional*. No elenco fundador da emissora estavam presentes profissionais como Ismênia dos Santos, que, mais tarde, teria uma atuação significativa no Departamento de rádio-teatro, aonde Victor Costa seria o responsável pelos maiores marcos do teatro radiofônico no Brasil. Desde o início das transmissões da PRE-8, Victor Costa abastecia as programações com esquetes e cenas cômicas usadas em circos e no teatro de revista, adaptando-os à linguagem do novo veículo, ganhando, dessa forma, intimidade com o novo veículo. Em 1942, Victor Costa daria nome ao estúdio de rádio-teatro da PRE-8.

Se a Nacional viveu nos primeiros tempos muito do quarto de hora e muito da notícia, é bom que se diga que ela foi, logo no início, uma emissora muito interessada no teatro. As primeiras demonstrações que a Rádio Nacional fez de teatro foram feitas com brilho, com muito êxito, porque ela já incluía o efeito sonoro que, normalmente no rádio, não se fazia aquilo com muita seriedade. (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 02)

No ano 1941, entrava no ar *Em Busca da Felicidade*, rádio-novela escrita por Leandro Blanco e adaptada por Gilberto Martins. Sob patrocínio do Creme Dental Colgate, *Em Busca da Felicidade* teve dois anos e meio de duração. Com o sucesso das rádio-novelas, Victor Costa se tornaria o grande impulsionador desse gênero, primeiro como chefe do radioteatro e depois como diretor da *Rádio Nacional*.

Todo esse trabalho também pedia uma pesquisa de temas musicais e efeitos sonoros que reforçassem o clima romântico e as situações dramáticas. Os contra-regras executavam ao vivo, os efeitos indicados pelos roteiristas, fossem passos ou toques de campainha, até sons mais complexos como trovões e relâmpagos. O estúdio Victor Cota reproduzia os diversos cômodos de uma casa. Todas as dependências eram microfonadas e repletas de objetos, dos quais eram extraídos os sons necessários à transmissão das novelas

da *Rádio Nacional*. O estúdio Victor Costa chegou a ser considerado o estúdio de rádio-teatro mais bem equipado da América Latina.

Ela (a Rádio Nacional) ampliou tremendamente as possibilidades da linguagem e do espetáculo radiofônico, acrescentando ao bloco de conteúdo sonoro os níveis de fala coloquiais das ruas, a sonoplastia (som ornamental), os efeitos de som, as pausas significativas e o diálogo artístico. (FREDERICO, 1982, p. 74)

A *Nacional* foi pioneira até em elementos que encontramos nas telenovelas de hoje: o merchandising. A Colgate enviava fotos dos artistas e um álbum com o resumo de *Em Busca da Felicidade* aos ouvintes que enviassem um rótulo do creme dental. O resultado ultrapassou qualquer expectativa e teve que ser sustada a promoção, pois logo no primeiro mês nada menos que 48.000 cartas chegaram aos estúdios da PRE-8.

A crescente popularização da *Rádio Nacional* possibilitou a criação de programas mais ambiciosos, que revolucionariam todos os padrões técnicos e criativos até aquele momento. Às 21h35 do dia 6 de janeiro de 1943, uma quarta-feira, era transmitida a primeira edição de *Um Milhão de Melodias*, programa patrocinado pela Coca-Cola. Aí mais uma vez seriam conjugados os talentos de Radamés Gnattali, José Mauro e Haroldo Barbosa. Aurélio de Andrade, Reinaldo Costa e César Ladeira se revezavam na apresentação do programa. *Um Milhão de Melodias* tinha um objetivo nacionalista: dar à música brasileira um tratamento orquestral semelhante ao das composições estrangeiras. Para se atingir essa meta, foi criada a Orquestra Brasileira de Radamés. Ela contava com cinco saxofones, três pistons, dois trombones, três flautas, oboé, fagote, clarineta e até uma harpa, e os naipes de violinos e violoncelos. Além disso, ainda estavam presentes os violões e cavaquinhos, que variavam de número de acordo com os arranjos de Radamés.

Um Milhão de Melodias também foi responsável por várias inovações técnicas no rádio. Para captar o som de um instrumento ou de um naipe em especial, foi empregado um solução que o cinema já utilizava há algum tempo: a “girafa”, ou boom. O microfone era colocado numa haste controlada à distância pelo operador, girando sobre um

tripé. Dessa forma, os maestros podiam orientar a técnica para captar o som de algum instrumento em especial.

Pode-se afirmar que o período de consolidação do rádio brasileiro vai do ano de 1938 até o ano de 1943, isto é, desde a criação de *Curiosidades Musicais*, passando pela implantação das primeiras rádios-novela, pela primeira edição do *Repórter Esso*, até a criação de *Um Milhão de Melodias*. Nesse espaço de cinco anos foram introduzidos boa parte dos elementos que compõem até hoje a linguagem radiofônica. E a PRE-8 foi uma das principais responsáveis pela consagração do rádio junto ao público.

Mas a grande revolução no rádio brasileiro, sobretudo na *Rádio Nacional*, se daria no ano de 1940. No dia 8 de março daquele ano, o presidente Getúlio Vargas instituiu o decreto-lei n.º 2.073, criando as Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Todas as empresas do grupo A Noite, inclusive a *Rádio Nacional* foram encampadas por Getúlio Vargas, que já tinha noção do poder que o rádio possuía junto ao povo.

Para o cargo de superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União foi designado o coronel Luiz Carlos da Costa Netto. E o jornalista e promotor do Tribunal de Segurança Nacional Gilberto Goulart de Andrade era nomeado diretor da *Rádio Nacional*. A intervenção governamental deixou os funcionários da PRE-8 temerosos, já que Gilberto de Andrade tinha um currículo, no mínimo, contraditório: era autor de 23 peças encenadas e, ao mesmo tempo, organizador da censura teatral.

Entretanto, Gilberto de Andrade tratou de acalmar os ânimos entre os funcionários da *Rádio Nacional*. O novo diretor prestigiou todo o trabalho interno e deu todo seu apoio aos funcionários da PRE-8, que estavam temerosos com a mudança. Gilberto de Andrade logo percebeu que a emissora tinha tudo para ser grande. Bastava contratar mais alguns elementos necessários a uma nova programação e dar mais recursos aos produtores de rádio, que, na época, eram muito ambiciosos. Gilberto de Andrade implantou um sistema de administração baseado no diálogo permanente do diretor com os funcionários e estabelecia uma gerência de departamentos em forma de colegiado. Tal forma de se administrar uma emissora de rádio distinguiria a PRE-8 das demais.

Nos dois primeiros anos da sua gestão, a *Rádio Nacional* passou por uma grande ampliação dos seus estúdios e do seu alcance de transmissão. Contudo, em nenhum

momento, foi revelado qualquer indício de falta de recursos ou entraves burocráticos para a obra no edifício *A Noite*. Todas as iniciativas de Gilberto de Andrade à frente da PRE-8 contavam o apoio Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. Prova disso é a inauguração das estações de ondas curtas da *Rádio Nacional*: a PRL-7, a PRL-8 e a PRL-9. A tarefa de cuidar das transmissões em ondas curtas ficou a cargo do Departamento Político-Cultural da Rádio, chefiado pelo poeta Cassiano Ricardo, que ainda dispunha da colaboração de Roquette-Pinto, Vieira de Melo, Manuel Bandeira, entre outros. Todo esse investimento deixou a *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro conhecida em vários lugares do mundo.

Naquele tempo nós transmitíamos em ondas curtas para o mundo inteiro. (...) Durante a guerra, nós transmitíamos com a antena dirigida para a Europa, objetivando alcançar a Inglaterra, França, Itália, Portugal e Espanha. E transmitíamos com a antena dirigida para oeste com o objetivo de pegar os países do Pacífico de língua espanhola, todos da América do Sul e essa antena, por uma questão inesperada, dava a volta ao mundo, pegava a África e chegava ao Brasil de volta, um retorno aqui. Com isso, o poderio da Rádio Nacional cresceu, ampliou. Numa certa época, ela chegou a ser considerada a quinta emissora do mundo. (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 03)

A *Nacional* entrava no ar para transmitir programas diários em quatro idiomas, realizando a divulgação da música e do folclore brasileiro por meio da sua estação de ondas curtas de 50 kW. Em pouco tempo, a PRE-8 começaria a receber cartas do Alasca, da Ilha de Santa Helena, da Inglaterra, do Japão, da Nova Zelândia, da Índia e de outros pontos do mundo. Os pedidos variavam desde um cartão postal da emissora até encomendas de discos de artistas brasileiros.

Já estava trilhado o caminho para a implantação do primeiro jornal-falado com notícias escritas especialmente para o rádio, e que iria revolucionar toda a produção jornalística no novo veículo: o Repórter Esso.

2. A ESTRÉIA DO REPÓRTER ESSO, O PRIMEIRO A DAR AS ÚLTIMAS

Desde os anos 20, todo o mundo passava por uma agitação política, econômica e ideológica, com o surgimento dos regimes totalitários de direita e de esquerda e o crack da Bolsa de Nova York em 1929. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos trataram de se aproximar dos países da América Latina, com o intuito de garantir a sua esfera de influência e combater o nazismo. Nesse contexto, o rádio assume um papel muito importante na divulgação de informações. O início dos serviços da BBC de Londres, por exemplo, foram essenciais para a resistência contra o nazi-fascismo durante o conflito na Europa. Já no Brasil, Getúlio Vargas tomava as rédeas do país ao implantar o Estado Novo. Órgãos de censura como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e programas oficiais do governo, como a *Voz do Brasil*, garantiam que a população só tomaria conhecimento daquilo que interessasse ao governo.

E o rádio teve um papel fundamental nesse período conturbado da história contemporânea. Não só a BBC de Londres, mas a própria *Rádio Nacional*, que se tornaria uma das válvulas de escape do povo durante os dias difíceis da Segunda Guerra. Por isso, antes de se analisar toda a história do *Repórter Esso* e a implantação do que seria a primeira redação dentro de uma rádio, com toda a rotina da redação de um grande jornal, é necessário observar e compreender o contexto histórico o noticioso patrocinado pela Esso foi lançado no Brasil.

O MUNDO EM GUERRA

Sempre que se fala sobre o *Repórter Esso*, é preciso lembrar que ele fazia parte da chamada política da boa vizinhança promovida pelos Estados Unidos. Essa política tinha por objetivo aumentar a influência norte-americana nos países da América do Sul e da América Central, estreitando as relações econômicas e culturais nessa região. Proposta na Conferência Pan-Americana de 1933, em Montevideu, a Política da Boa Vizinhança seria oficialmente adotada numa outra conferência, a de Cuba, em 1940. Os Estados Unidos acabariam por descobrir um enorme mercado consumidor de produtos industrializados.

Descobririam ainda, uma região bastante vulnerável ao totalitarismo que espalhava sua influência por toda a Europa.

A partir da Política da Boa Vizinhança diversos produtos e valores seriam intensificados: bolsas de estudo para brasileiros; a criação do personagem Zé Carioca no filme *Alô Amigos*, de Walt Disney; o incentivo a carreira de Carmen Miranda e do bando da Lua nos Estados Unidos. Nessa mesma época, Ary Barroso era chamado para compor músicas para o cinema norte-americano.

No ano de 1941, representantes do *Birô Interamericano*, um organismo criado um ano antes pelo presidente norte-americano Franklin Roosevelt, chegaria ao Brasil para coordenar os esforços dos Estados Unidos no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina. Chefiado por Nelson Rockefeller, o *Birô* começa a divulgar no Brasil o *american way of life*, ou seja: um estilo de vida compatível com o consumo de produtos tipicamente norte-americanos, desde a Coca-Cola até as revistas do Pato Donald. (MOREIRA, 1991, p. 24)

No ano de 1938, os produtos norte-americanos representavam 24,2% das importações, sendo superados pelos produtos alemães, que beiravam os 25%. Esse seria um dos motivos pelos quais os Estados Unidos intensificariam a sua tese de defesa conjunta do continente. Mas essa situação se agravaria em dezembro de 1941, com o bombardeio japonês à base de Pearl Harbor, marcando a entrada dos Estados Unidos no conflito mundial. Em janeiro de 1942, o ministro Oswaldo Aranha anunciava o rompimento de relações diplomáticas com os países do Eixo. Entre os meses de fevereiro e agosto do mesmo ano, 13 navios brasileiros seriam torpedeados por submarinos alemães. No dia 31 de agosto, Vargas declarava guerra ao Eixo.

É bom lembrar que o rádio brasileiro passou a assimilar as técnicas norte-americanas em sua linguagem. Esse processo teria início na publicidade e comercialização de programas. Em seguida, o noticiário radiofônico seria o alvo principal dessa influência, fato que seria comprovado, pouco tempo depois, pelo próprio *Repórter Esso*.

Naquele tempo, o rádio já era utilizado em vários outros países para divulgação dos acontecimentos mais importantes do governo de cada país. E em tempos de guerra, ele teve um papel fundamental. A BBC de Londres, por exemplo, foi considerada a voz da resistência nos territórios europeus ocupados pelos nazistas. A emissora britânica irradiava noticiosos em francês, italiano, alemão, português e espanhol para um público calculado em cerca de 16 milhões de pessoas. Ela transmitiu também o famoso discurso de Charles De Gaulle conclamando os franceses livres a resistir aos invasores nazistas. Já no início de 1983, o serviço mundial da BBC produzia um noticiário em árabe e, três meses mais tarde, em português e em espanhol, visando atingir o público latino-americano. A BBC chegou a transmitir, diariamente, três horas e quarenta e cinco minutos para o Brasil.

Desde a revolução de 1930, o governo brasileiro já demonstrava uma preocupação com o rádio, que definia como serviço de interesse nacional e de finalidade educativa, regulamentando o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhe bases econômicas mais sólidas, concretizadas pelo Decreto n.º 21.111, de 1º de março de 1932, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio. No dia 27 de dezembro de 1939, o presidente Getúlio Vargas – já durante o regime do Estado Novo – cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ligado diretamente à Presidência da República. Além disso, Vargas também não pouparia esforços para tomar conta da *Rádio Nacional* e das demais empresas do grupo *A Noite*. Com o Decreto-Lei n.º 2.073, de 8 de março de 1940, Gilberto de Andrade, conhecido censor de teatro, durante os anos 20, e, promotor do Tribunal de Segurança do Estado Novo, seria escolhido para chefiar a emissora. A *Rádio Nacional* se tornaria líder de audiência pouco tempo depois.

A partir da década de 40, no entanto, o quadro até então predominante na área de publicidade radiofônica sofre duas mudanças fundamentais: em março de 1940, a estatização (por Getúlio Vargas) da Rádio Nacional do Rio de Janeiro altera o equilíbrio de forças no rádio brasileiro, principalmente o carioca. Transformada em estatal, mas com o direito de continuar a veicular anúncios, a Nacional inicia, assim, sua trajetória como líder de audiência. O investimento de verbas governamentais somado à

receita publicitária de origem comercial transforma a emissora em uma concorrente insuperável. (Idem, p. 24)

Todo o apoio dado pela Superintendência das Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União às iniciativas de Gilberto de Andrade na direção da PRE-8, refletiam, não só a confirmação da missão do rádio no governo de Getúlio Vargas, mas toda uma política de integração nacional. Entre os anos de 1940 e 1942, Gilberto de Andrade não mediu esforços para tornar a *Rádio Nacional* uma das maiores rádios de seu tempo, seja com obras para ampliação dos estúdios, novos equipamentos para o aumento do alcance da emissora ou a inauguração das estações de ondas curtas. Todo o aparato técnico da *Rádio Nacional*, todos os recursos cedidos pelo governo tinham um objetivo: fazer com que a PRE-8 tornasse realidade a política e integração do Brasil promovida por Vargas.

Obviamente, a propaganda política esteve presente nas transmissões radiofônicas, principalmente durante o Estado Novo. Neste período, Getúlio se utilizava das rádios – em especial a *Rádio Nacional* – para divulgar as idéias e os feitos do governo federal. A PRE-8 não serviu apenas à integração nacional, mas sim a todo um modelo mais definido de ação política presente entre os anos de 1930 e 1945. Um bom exemplo dessa função integradora e educativa podem ser verificados na atuação das estações de ondas curtas, principalmente as da *Nacional*.

As ondas curtas, assim como elas foram importantes para divulgar a imagem do Brasil lá fora, (...) aqui dentro, ela foi muito importante como projeto político. Porque, de repente, tinha um cara que morava lá no Amazonas e ele tava sabendo o que estava acontecendo aqui no Rio de Janeiro. Qual tinha sido o discurso de Getúlio no dia do trabalhador daquele ano, quais eram as últimas providências adotadas pelo governo federal em diversas áreas, quer dizer, sempre de acordo com a política do governo da época. Então ela serviu dentro disso que foi chamado de política de integração nacional. Ou seja, a partir do Rio de Janeiro, a Rádio Nacional irradiava para o Brasil inteiro todos os atos e discursos, não só do presidente como dos ministros e etc. (MOREIRA, 1998, BBC, Programa 03)

Prova desse apoio governamental pode ser observada nos festejos da inauguração dos novos estúdios da PRE-8, no ano de 1942. Entre outras personalidades presentes, podiam ser encontrados na festa o presidente do Tribunal de Segurança Nacional, ministro Carlos Barreto; o diretor-geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes, acompanhado de sua mulher, a escritora Adalgisa Nery, e a chefe da Seção de Rádio do DIP, Ilka Labarthe. No dia seguinte à festa, o auditório de 496 lugares era aberto ao povo para a programação especial de inauguração. Posteriormente, os novos estúdios seriam inaugurados e a nova programação da *Rádio Nacional* entrava no ar no dia 19 de abril, que, por coincidência ou não, era a data do aniversário do presidente Getúlio Vargas.

SURGE A “TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA”

No dia em que o Brasil se juntava às forças aliadas para combater o exército alemão na Segunda Guerra Mundial, entrava no ar a primeira edição do *Repórter Esso*. Às 12 horas e 55 minutos do dia 28 de agosto de 1941, tinha início uma mais impressionantes e trajetórias jornalísticas de toda a história do rádio brasileiro. O *Repórter Esso* permaneceu no ar durante 27 anos (até 1968) e alterou completamente o padrão vigente dos jornais-falados no rádio brasileiro, até aquele momento.

Na edição inaugural, o locutor Romeu Fernandes anunciava o ataque aéreo da Alemanha à Normandia e a apreensão de 16 navios do Eixo que se encontravam em território brasileiro. Curiosamente, esta foi a única notícia brasileira da primeira edição do *Repórter Esso*. Precedido pelo prefixo de fanfarras e clarins composto pelo Maestro Carioca e executado por Luciano Perrone na bateria, o próprio Maestro Carioca no trombone, e por Francisco Sergi e Marino Pissiani nos pistons, o *Repórter Esso* foi o primeiro noticiário com matérias escritas especialmente para o rádio. É bom acrescentar que naquele momento, por causa da Segunda Guerra Mundial, praticamente todo o conteúdo do noticiário vinha do exterior. Entretanto, o *Repórter Esso* conseguia dar às

notícias a agilidade e a clareza necessárias para uma informação rápida com a qualidade que o rádio exigia.

Cada edição do *Repórter Esso* era produzida por uma equipe de redatores da agência de publicidade McCann-Eriksson, com cobertura jornalística da United Press International (UPI). Diferente de outros programas jornalísticos da época, as notícias divulgadas pelo *Repórter Esso* tinham um estilo surpreendentemente objetivo e direto. Para comandar a equipe que iria produzir o noticioso no Brasil, a McCann-Eriksson convidou o jornalista Emil Fartah, que se tornaria um dos responsáveis pela formatação e pelo prestígio que o *Repórter Esso* alcançou logo nas primeiras edições.

Vale destacar aqui que, no período anterior ao lançamento do *Repórter Esso*, o radiojornalismo brasileiro caracterizava-se pela ausência de um tratamento redacional específico para o veículo, ou seja: as notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais e lidas ao microfone pelo locutor que estivesse presente no horário. Tesoura e cola eram, na época, os únicos recursos disponíveis para o jornalismo radiofônico. (MOREIRA, 1991, p. 26)

A partir de 1941, o *Repórter Esso* (que funcionava em caráter experimental na *Rádio Farroupilha*, de Porto Alegre) iria alterar definitivamente esse quadro de extremo amadorismo, eliminando de vez a tesoura e a cola e ajudando a criar as primeiras redações radiofônicas da história do jornalismo brasileiro. O lançamento definitivo do programa acontecia no Brasil referendado pelo sucesso alcançado em Nova York, Buenos Aires, Santiago, Lima e Havana, cidades onde o noticioso da Esso já era transmitido regularmente.

Vários eventos marcaram o jornalismo da Nacional principalmente porque a empresa “A Noite” passou para sua emissora a tradição de ser uma tribuna popular e esta não fugiu à regra, instituindo com esse intuito, vários setores como os de interesse público, setor político e setor de divulgação. Por outro lado, a Nacional eliminou o “Gillete Press”, passando a redigir as notícias especialmente para a apresentação ao

microfone, acrescentando-lhes interesse e calor humano. (FREDERICO, 1982, p. 76)

Já no ano de 1939, a Esso já patrocinava, na *Rádio Nacional*, o programa radiofônico *Variedades Esso* e, no ano de 1940, a narração de jogos de futebol. Já líder de audiência, era natural que a PRE-8 fosse a emissora escolhida para introduzir o programa no Brasil. Inicialmente narrado pelos locutores Celso Guimarães, Aurélio de Andrade, Saint-Clair Lopes, Reinaldo Costa, Jorge Curi e o próprio Romeu Fernandes, o *Repórter Esso* era transmitido às 8 horas, às 12 horas e 55 minutos, às 19 horas e 55 minutos e às 22 horas e 55 minutos, sem contar as inúmeras e freqüentes edições extras ao longo da programação. Ainda em 1941, o *Repórter Esso* começaria a ser transmitido pela *Rádio Record* de São Paulo (posteriormente transferido para a *Rádio Tupi*) e, a partir de julho de 1942, pela *Rádio Inconfidência* de Belo Horizonte, pela *Rádio Farroupilha* de Porto Alegre e pela *Rádio Clube de Pernambuco*.

O *Repórter Esso* se caracterizava por ser transmitido sempre dos estúdios da *Rádio Nacional*. As entradas ao vivo, do local dos acontecimentos, como se pode observar com uma certa freqüência nas rádios de hoje, eram terminantemente proibidas. Dalmácio Jordão, titular do *Repórter Esso* por 18 anos e último locutor do programa em São Paulo, foi duramente repreendido pela direção do noticioso quando se tornou o responsável por uma das únicas, senão a única transmissão externa do *Repórter Esso* sem qualquer programação prévia.

Um dia, às vésperas do golpe de 64, quando o Brasil vivia uma situação social tumultuada, houve um conflito na Praça da Sé entre trabalhadores e a Cavalaria da PM. (...) De repente, começou um tiroteio e a polícia invadiu a praça. Corri para um bar, entrei, liguei para a rádio, pedi que tocassem o prefixo e comecei a transmitir o que estava acontecendo. (...) Em seguida, fui severamente repreendido pela direção da Rádio Tupi e, depois, pela McCann por ordem da Esso. (ABERT; 1996, p. 13)

Entretanto, em três ocasiões, o *Repórter Esso* foi feito de fora dos estúdios da Praça Mauá. Em 1949, quando acompanhou o então presidente da república Gaspar Dutra aos Estados Unidos, transmitindo edições de todos os pontos do território visitado pelo presidente brasileiro; em 1951, quando esteve no Dia de Finados transmitindo o toque de silêncio, em Campo Santo, de Pistóia, na Itália, local onde foram sepultados os pracinhas brasileiros mortos na tomada de Monte Castelo, na Segunda Guerra; e em 1960, quando a equipe do *Repórter Esso* permaneceu três dias em Brasília, por conta da inauguração na nova capital federal. Mas, antes do lançamento do noticioso Esso na *Nacional*, a emissora da Praça Mauá já lançava diversos elementos do radiojornalismo que já são conhecidos pelos ouvintes de rádio.

A Rádio Nacional já era pioneira no gênero jornalístico tendo implantado o *lead* radiofônico para criar o impacto inicial e sintetizar as primeiras informações dos acontecimentos. O sistema linear de paginação do jornal falado, com o número de linhas necessárias ao preenchimento do tempo também foi instituído por ela; programas partidários, campanhas políticas, resultado dos pleitos, atos governamentais, pronunciamentos, crises, agitações de rua, campanhas de promoção social, decisões judiciais, problemas sociais etc., passaram a sofrer, pelo corpo de editores da Nacional, um tratamento adequado e uma estruturação racional e específica. (FREDERICO, 1982, p. 75)

O texto do *Repórter Esso* obedecia a um rigoroso manual de redação, um dos primeiros da história da imprensa brasileira. Cada locutor contratado pela rádio para ser exclusivo do *Repórter Esso*, recebia previamente o texto distribuído para as emissoras pela UPI. Além do manual, a bancada de redatores da agência responsável pelo texto final seguia três regras básicas que teriam de ser rigorosamente cumpridas, de acordo com o rigoroso manual do programa: o *Repórter Esso* é um programa informativo; não comenta as notícias; e sempre fornece as fontes da sua notícia. O esquema de produção do noticioso permitia que apenas dois redatores trabalhassem nele, havendo apenas um suplente.

Cada edição do *Repórter Esso* durava cinco minutos. Aproximadamente vinte segundos eram reservados para a abertura e o encerramento do programa, cerca de

quatro minutos eram reservados às notícias locais, nacionais e internacionais. Por fim, quarenta segundos eram reservados às mensagens comerciais da Esso Standard do Brasil, patrocinadora do noticioso.

Com um estilo de redação própria, seleção conscienciosa das notícias, imparcialidade (estilo BBC), sem apresentar polêmicas ou tendências, mas tendo uma pontualidade também britânica e constância nas apresentações, o Repórter Esso se fez presente em todos os lares, gozando de um alto conceito de credibilidade na opinião pública pela utilização de fontes as mais credenciadas. Todas as informações eram condensadas e em cada emissão constava 40% de notícias locais, 40% de notícias regionais e 20% de notícias internacionais, sendo essa distribuição alterada no caso de acontecimentos e relevância. (Idem, p. 76)

Os redatores também deviam seguir à risca algumas regras. Quando a mensagem que deveria ser passada era de venda, ele deveria escrever: “Prezado ouvinte, bom dia (boa tarde ou boa noite). Aqui fala o *Repórter Esso*, porta-voz radiofônico dos Revendedores Esso, apresentando as últimas notícias da UPI.” Caso a mensagem fosse de relações públicas, o texto de abertura deveria ser o seguinte: “Prezado ouvinte, bom dia (boa tarde ou boa noite). Aqui fala o *Repórter Esso*, testemunha ocular da história, apresentando as últimas notícias da UPI.” Algumas regras do manual, como a duração do programa e o número de linhas de cada parágrafo – no máximo três linhas – nunca podiam ser desrespeitadas.

Com o objetivo de garantir um padrão nacional para o *Repórter Esso*, a McCann-Ericksson produziu, além do manual de redação, um manual gravado em disco. Heron Domingues, o *Repórter Esso* titular da *Rádio Nacional*, foi o escolhido para dar as instruções aos profissionais das demais regiões do país. Nele, estavam contidas instruções sobre diversos aspectos, tais como a maneira de se cumprimentar o ouvinte, da impositação da voz, do rigor com relação ao tempo de transmissão, das técnicas de pronúncia, do ritmo da fala, entre outras. Segundo o disco-manual, os locutores deveriam seguir o padrão apresentado por Heron Domingues, formando, dessa maneira, uma espécie de linhagem de

repórteres *Esso*. Nota-se aí a existência de um padrão *Esso* a ser cumprido por todas as emissoras do país, ou seja, a efetivação de um modelo de noticiário nacional.

Além das instruções sobre o ritmo de leitura e o tempo de transmissão, a gravação/manual trazia recomendações específicas para cada edição do programa. O disco-manual gravado por Heron Domingues tratava a primeira edição matinal do *Repórter Esso* como o primeiro contato diário do ouvinte com o resto do mundo.

Às 8:00h da manhã, primeiro horário do *Repórter Esso*, essa saudação deve ser feita com otimismo, voz clara e sem qualquer sinal de sono. Há necessidade de que esse primeiro horário de nosso boletim o ouvinte seja acordado pela voz alegre, firme e pontual do *Repórter Esso*. Com isso, o arrancaremos da letargia matinal, atirando-o na realidade da vida que deverá ser por ele enfrentada dentro de alguns minutos depois do café. Estaremos fazendo ao nosso ouvinte um convite para que entre galhardamente na batalha de todos os dias. Por outro lado, ele deverá ter a impressão de que o locutor teve um sono dos mais agradáveis e em momento que ele ouvinte ainda se encontra em casa o *Repórter Esso* levantou-se tão cedo que já sabe de tudo o que aconteceu durante a madrugada. O ouvinte ficará satisfeito com o otimismo e a segurança de nossa voz e nos outros dias tornará a buscar em nós a coragem, vamos dizer, o alento, para iniciar o seu dia. (DOMINGUES. In: *Repórter Esso - Instruções Gerais*)

Esse disco-manual foi gravado num momento em que as pessoas ainda se encontravam de certa maneira pessimistas com o rumo dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Ainda que consciente de estar em meio a uma conjuntura de crise o noticiário da *Esso* deveria ter um tom de otimismo - mesmo que o bom humor ficasse restrito à saudação, pois era impossível narrar os bombardeios alemães ou italianos de forma otimista. (CALABRE; 2002, p. 218)

Mesmo com todas as inovações na área do rádio-jornalismo e de toda a credibilidade conseguida através dos anos, o *Repórter Esso* também era alvo de críticas. Muitos não compreendiam por que o programa não fazia nenhum comentário sobre as

notícias, não tirava nenhuma conclusão e tampouco dava a sua opinião sobre determinados assuntos. De acordo com Leony Mesquita, um dos redatores-chefes do *Repórter Esso*, toda declaração transmitida pelo noticioso estava escudada pela palavra de uma autoridade no assunto, já que o *Repórter Esso* era um programa de caráter essencialmente informativo. Mesquita lembrava que o programa se limitava a dizer o que acontecia e deixava que os ouvintes tirassem as suas próprias conclusões. Aí, é que estava o maior segredo do grande sucesso que o *Repórter Esso* obteve logo nas suas primeiras edições. Todo esse êxito seria mantido ao longo dos seus 27 anos de existência. (Rev. do Rádio, 1955, p. 25)

Até 1956, ano em que a *Rádio Nacional* completava 20 anos de existência, o *Repórter Esso*, então com 15 anos de irradiação, esteve no ar com cerca de 20 mil edições, e já se consagrava como o jornal falado mais famoso do Brasil.

CONSOLIDAÇÃO E CREDIBILIDADE

“Se o mundo virar de pernas para o ar alguns minutos depois, o Repórter Esso lhe contará o que houve”. Essa era a primeira frase dos cartazes promocionais do mais novo e mais inovador jornal-falado da *Rádio Nacional*. Desde as suas primeiras edições, o *Repórter Esso* já conquistava a preferência dos ouvintes.

Até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, as notícias sobre o conflito foram assunto prioritário das edições diárias do *Repórter Esso*. No entanto, a partir desse momento, ele conquistou um índice de credibilidade jamais visto entre o público. Além das edições regionais, o informativo chegava a todo Brasil pelas ondas curtas da *Rádio Nacional*. É nesse momento também que foram criados os dois slogans que melhor caracterizavam o noticioso: “o primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”.

O Repórter Esso foi o noticiário de maior importância naquele tempo. Maior importância e de maior peso que se dava. Por que ele interrompia qualquer programa para dar uma notícia que fosse considerada de alta necessidade. Daí o fato do Repórter Esso ter criado uma credencial tão grande que, quando a guerra acabou - a Rádio Tupi inclusive foi pro ar dizendo que a Guerra havia acabado - ninguém acreditou por que o

Repórter Esso não deu. Só a partir do momento em que o Repórter Esso deu a notícia é que o povo do Brasil inteiro ficou acreditando no término da Guerra. (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 06)

Roberto Salvador, ex-rádio-ator e antigo colaborador do *Repórter Esso* na *Rádio Nacional*, lembra que o noticioso foi criado para dar notícias da guerra e, também, para atrair o povo brasileiro para a causa aliada. O noticiário do *Repórter Esso* não era redigido na *Rádio Nacional*, e sim na Cinelândia, a três quilômetros de distância da emissora da Praça Mauá. Um ciclista era o responsável por entregar o noticiário no 22º andar do edifício *A Noite*, minutos antes do *Repórter Esso* entrar no ar. E a última notícia vinha por telefone já que, naquela época, não existia fax, computador ou qualquer outra facilidade tecnológica dos nossos dias.¹

Boa parte desse sucesso se deve à dedicação e de todo o talento jornalístico de Heron Domingues, o mais famoso apresentador do *Repórter Esso*. No dia 7 de dezembro de 1941, Heron estava na *Rádio Gaúcha* de Porto Alegre para participar do programa de calouros *A Hora do Estudante*, quando chegou o telegrama que anunciava o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor. Na ausência de um locutor, o jovem aspirante a cantor de tangos de 17 anos foi solicitado pela direção da *Rádio Gaúcha* a ler a notícia do bombardeio ao microfone.

Atenção, senhores ouvintes, atenção! Foi captada uma irradiação de São Francisco, na Califórnia, noticiando que aviões japoneses bombardearam a base americana de Pearl Harbor! (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 7 de dezembro de 1941)

Foi dessa forma que Heron Domingues encontrou sua vocação. Depois de ler a notícia sobre o ataque a Pearl Harbor, o dono da estação lhe ofereceu um contrato de 100 mil réis como locutor. Posteriormente, Heron ingressaria como noticiário na *Rádio Farroupilha* e na *Rádio Difusora*. No ano de 1944, Heron Domingues viria ao Rio de

¹ Disponível em <http://www.radiobras.gov.br/nacionalrj/especialnacrj/html/robertosalvador.php>. Acessado em 8/11/2006.

Janeiro para concorrer à vaga de locutor exclusivo do *Repórter Esso*. Não só se candidatou à vaga como fez questão de defender seus méritos para o cargo diante da direção da Esso. Acabaria por ganhar o posto e se tornar o *Repórter Esso* titular da *Rádio Nacional*. A partir daí, Heron Domingues começaria a desenvolver uma técnica e um estilo de locução jornalística que seriam imitados até os dias atuais pelos seus companheiros de profissão em praticamente todas as emissoras brasileiras.

Roberto Salvador lembra que, enquanto Heron Domingues se preparava no estúdio para ler o *Repórter Esso*, cinco minutos antes de começar o programa, às vezes, a última notícia ainda estava sendo preparada. O locutor lia o noticiário de forma pausada e lia o comercial, que era de um produto Esso, da mesma maneira. Ao mesmo tempo, ele fazia ao a revisão da última notícia que o redator havia depositado sobre a sua mesa no estúdio. De acordo com Roberto Salvador, Heron parecia ter o cérebro dividido em duas partes: a parte esquerda lia o comercial e a parte direita fazia a revisão da última notícia..²

Boa parte das regras de redação do *Repórter Esso* elaboradas pela UPI – texto em ordem direta, sem orações intercaladas etc. - foram implantadas aqui no Brasil por Heron Domingues, que também introduziu outras técnicas bastante conhecidas e difundidas pelo radiojornalismo brasileiro dos nossos dias.

Foi ele, por exemplo, que mediu o tempo de leitura e começou a numerar as linhas. Quer dizer, uma leitura normal de um locutor de notícia demorava 15 linhas por minuto. E isso foi descoberta do Heron ou, pelo menos, foi introduzido pelo Heron no radiojornalismo. E eu seguia isso. Então era fácil determinar quanto tempo ia durar um jornal, bastava numerar as linhas do lado e você sabia quantos minutos tinha somando os valores e poderia agrupar para cinco minutos, para sete, para oito, pra quantos você quisesse graças a essa medição que o Heron fazia. (MANSO, 1998, BBC, Programa 06)

Entretanto, foi durante a cobertura dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial que todo o talento e, principalmente, toda a dedicação de Heron Domingues ao

² Idem.

radiojornalismo ficou evidente. Grande parte da credibilidade conseguida junto aos ouvintes pelo *Repórter Esso* deve-se à atuação de Heron Domingues à frente do noticioso, que não mediu esforços para noticiar os últimos acontecimentos do conflito mundial em primeira mão, antes de todas as outras emissoras do Brasil.

Mas um fato marcaria para sempre o prestígio do *Repórter Esso* e da própria *Rádio Nacional*. Corria o ano de 1945, e a rendição dos japoneses e o conseqüente fim do conflito mundial era um fato esperado a qualquer momento. Heron Domingues se instalou nos estúdios da *Rádio Nacional*, dormindo ao lado de um telefone pelo qual recebia as informações diretamente da UPI. O objetivo principal era ser o primeiro a dar a notícia do fim do Segunda Guerra Mundial. Heron só se ausentava dos estúdios da *Nacional* para trocar de roupa e se alimentar. Mas deixou previamente gravado o término da Segunda Guerra para o caso dele não se encontrar na emissora quando isso acontecesse. Quando chegou o telegrama dando a informação sobre o fim da Guerra, Heron estava almoçando num restaurante. Como o disco da gravação não foi encontrado, o locutor Décio Luz, da *Rádio Tupi*, deu a notícia em primeira mão.

A espera do dia da vitória vivi momentos tão emocionantes como os de um general num campo de batalha. A Rádio Nacional era o meu centro de operações e aqui instalei minha cama ao lado de um telefone de comunicação direta com a United Press. E as grandes notícias chegavam abalando, em primeiro lugar os nervos do “repórter vigilante”. Acaba de falecer o presidente Roosevelt! Os britânicos entraram em Hamburgo! Mussolini acaba de ser enforcado pela multidão enfurecida na Praça Loretto, em Milão! A rádio de Hamburgo, depois de transmitir o “Crepúsculo dos Deuses” durante muitas horas, acaba de anunciar: o *Führer* morreu! Terminou a guerra! Terminou a guerra! (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 1945)

Mas, enquanto o *Repórter Esso* não deu a notícia, o publico ficou em dúvida. Alguns jornais da época chegaram a publicar que a guerra só acabou depois que o *Repórter Esso* deu a notícia. Mesmo sem conseguir o “furo”, Heron Domingues já deixava evidente todo o seu talento e, principalmente, toda a sua dedicação ao trabalho do radiojornalismo.

O Heron foi um entusiasta da notícia de tal maneira que ele chegava a esse sacrifício. Ele tinha uma cama de campanha como se fosse, sei lá, um soldado da Guerra. Ele tinha uma cama lá que ele armava, desarmava, dormia na rádio, não saía de lá. Mas, de vez em quando tinha que ir em casa, tomar um banho, refrescar, essa coisa, né?! Pois foi isso que aconteceu. Entrou a voz dele no ar: “Alô, alô, a guerra acabou!”, aquela coisa. Mas a notícia em si, não foi dada por ele. (TAPAJÓS, 1998, BBC, Programa 06)

Sete anos de experiência na apresentação diária do *Repórter Esso* proporcionaram a Heron Domingues um conhecimento apurado dos recursos técnicos indispensáveis para o desenvolvimento de um bom programa jornalístico radiofônico. Assim, em 1948, a direção da *Rádio Nacional* aceitaria a sua sugestão de fundar a Seção de Jornais Falados e Reportagens da PRE-8, descrita como “cem metros quadrados de redação de notícias no 20º andar do edifício *A Noite*”. Era a primeira redação montada exclusivamente para o radiojornalismo do Brasil. Mais tarde, seriam criados o Departamento de Jornais Falados, em 1951, e a Divisão de Radiojornalismo, em 1954. O que antes era um núcleo simples, composto por dois ou três profissionais, armados apenas de tesoura e cola para preparar os jornais-falados, transformou-se numa autêntica redação, com mais de uma dezena de redatores, secretários de redação, repórteres, informantes e outros auxiliares. A Seção de Jornais Falados e Reportagens organizava, pela primeira vez, um sistema de equipe (um chefe, quatro redatores e um colaborador do noticiário parlamentar), rotina e hierarquia peculiares a uma redação de jornalismo radiofônico.

Além da Divisão de Radiojornalismo, foram criadas também uma Seção de Divulgação e uma Seção de Esportes, e um boletim de notícias em idiomas estrangeiros que cobriam todo o continente sul-americano. Faziam parte desse equipe de radiojornalismo Leony Mesquita, Jacira Gomes, José Grossi, Nestor de Holanda entre outros. E a pioneira Seção de Jornais Falados e Reportagens da PRE-8 seria a responsável pela expansão e diversificação da notícia na programação da *Nacional*, com os informativos *Aconteceu no*

Catete, É Verdade ou Mentira? e *A Reportagem do Dia*, até chegar ao programa de debates *Cartas na Mesa*.

A partir do ano de 1950, a *Rádio Nacional* já acompanhava os grandes órgãos da imprensa, em pé de igualdade, na cobertura das eleições presidenciais, através do seu setor de radiojornalismo. No ano de 1952, os noticiários da *Rádio Nacional* já eram baseados no material jornalístico apurado pela equipe de repórteres e em comentários que eram produzidos na Agência Nacional, escritos na própria redação ou extraídos dos jornais *A Noite* e *A Manhã*. No ano de 1953, era criada a Rede Nacional de Notícias, um serviço de transmissão em ondas curtas de 17 boletins jornalísticos produzidos diariamente pela emissora da Praça Mauá e distribuídos por centenas de emissoras e serviços de auto-falantes em 14 estados brasileiros.

Heron Domingues comandou o *Repórter Esso* na *Rádio Nacional* por 18 anos, de 1944 até 1962, quando foi convidado a ancorar a versão do noticioso na TV, se tornando um dos maiores noticiários da história do jornalismo brasileiro. Já na TV Globo, fez questão de acompanhar todo o caso Watergate. A renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon foi a sua última grande notícia. Heron Domingues faleceu na madrugada de 9 de agosto de 1974, aos 50 anos, de colapso cardíaco. Graças aos esforços de profissionais como Heron Domingues, o *Repórter Esso* é conhecido hoje como sinônimo de radiojornalismo, credibilidade e agilidade.

AS PRINCIPAIS MANCHETES

Nos seus 27 anos de existência, o *Repórter Esso* esteve presente levando aos seus ouvintes as últimas notícias sobre o que acontecia no Brasil e no mundo. Algumas manchetes como o ataque japonês à Pearl Harbor, o fim da Segunda Guerra Mundial e o suicídio de Getúlio Vargas marcaram para sempre o imaginário de todos que acompanhavam as edições do noticioso, que é lembrado até hoje pelas antigas gerações de ouvintes de rádio como um sinônimo de credibilidade e reconhecido por vários estudiosos como um dos noticiosos mais importantes do jornalismo brasileiro.

Ao longo das suas primeiras edições, no início da década de 1940, o *Repórter Esso* trouxe as últimas notícias da Segunda Guerra. O conflito mundial, aliás, foi o principal assunto do noticioso até o ano de 1945. E a própria guerra também marcou a trajetória do *Repórter Esso*. Vale lembrar que a internalização de 16 navios do Eixo, que estavam em portos brasileiros, em 28 de agosto de 1941, foi assunto da primeira edição do noticioso da Esso. Além disso, o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor foi a notícia lida por Heron Domingues na sua estréia como locutor do *Repórter Esso*.

Outras notícias da Segunda Guerra mereceram destaque do *Repórter Esso*: a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do Eixo em 22 de agosto de 1942; o envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália em 1943; o desembarque das forças aliadas na costa normanda da França em seis de junho de 1944 (o Dia D); a conquista de Monte Castelo pela FEB em 21 de fevereiro de 1945; a rendição da Alemanha em 9 de maio; o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, em seis e nove de agosto de 1945, e a rendição do Japão em 14 de agosto de 1945.

A partir do ano de 1945, a início da Guerra Fria passaria a ser um dos assuntos principais do *Repórter Esso*. A queda de ditadores, o restabelecimento da democracia e a criação de Israel também foram notícia. No Brasil, a queda de Getúlio Vargas também mereceu destaque do noticioso da Esso.

Renunciou o Presidente Getúlio Vargas. A decisão presidencial foi anunciada depois que forças da vila militar, sob o comando do General Renato Paquet, avançaram pela Rua Paissandu, rumo ao Palácio Guanabara. Assumiu o governo, o Ministro José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal Federal. (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 29 de outubro de 1945)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a proposta de democracia vencendo no mundo, as ditaduras perderam força. No Brasil, foram realizadas eleições diretas vencidas pelo General Eurico Gaspar Dutra, que governou de 1946 a 1951. Durante o governo Dutra, foi fechada a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e promulgada uma nova Constituição em 1946. O Partido Comunista foi colocado na

ilegalidade em 1947 e o Brasil rompia relações diplomáticas com a União Soviética em 1948. E o *Repórter Esso* sairia dos estúdios da *Nacional* para acompanhar a visita de Gaspar Dutra aos Estados Unidos em 1949.

Entretanto, nas eleições presidenciais realizadas em 1950, Getúlio Vargas retornaria à presidência da República. Começaria, pouco tempo depois, a batalha pela nacionalização na exploração do petróleo. No ano de 1952, a redação de notícias da PRE-8 (uma das iniciativas de Heron Domingues na *Rádio Nacional*) se mobilizava para apoiar a Campanha Nacionalista do Petróleo, que resultaria na fundação da Petrobrás.

Na década de 1950, o *Repórter Esso* esteve presente noticiando os principais acontecimentos mundiais, como a Guerra da Coreia, a rebelião anti-comunista na Hungria, a corrida espacial no fim da década (com destaque para o lançamento do Sputnik), a explosão da primeira Bomba H e a Revolução Cubana. No ano de 1951, o *Repórter Esso* transmite, direto do Campo Santo, em Pistóia, na Itália, o toque de silêncio em homenagem aos pracinhas brasileiros mortos na tomada de Monte Castelo, na Segunda Guerra Mundial.

Entretanto, nenhum outro fato mereceu tanto destaque do noticioso na década de 1950 como o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Como nos anos da Segunda Guerra Mundial, as edições extraordinárias do *Repórter Esso* se multiplicavam. Os acontecimentos que precederam e deram seguimento à morte de Vargas estabeleceram um clima apreensivo e de elevada tensão em todo o país.

E atenção, atenção, ouvintes do Repórter Esso! O jornalista Carlos Lacerda foi ferido na madrugada de hoje num atentado à bala em frente à sua residência na rua Tonelero, em Copacabana. No atentado, perdeu a vida o major aviador Rubens Florentino Vaz que acompanhava o diretor da Tribuna da Imprensa. Um elemento da polícia de vigilância, que tentou perseguir os agressores, foi ferido. (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 5 de agosto de 1954).

O atentado da Rua Tonelero, ordenado por Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal do presidente e seu homem de confiança desde o Estado Novo foi fatal para o governo de Vargas. Na noite do dia 23 de agosto, a sua queda já era considerada fato

consumado e a multidão, que atacavam jornais e instituições getulistas, ameaçava invadir o Palácio do Catete. Enquanto a chefia militar anunciava que já não podia garantir a segurança do presidente, o *Repórter Esso*, assim como outros meios de comunicação jornalísticos, anunciava que Getúlio se licenciava do cargo.

E atenção, atenção, ouvintes do Repórter Esso! O Palácio do Catete acaba de informar oficialmente que o senhor Getúlio Vargas deixará o governo. Todos os ministros de Estado encontram-se reunidos no palácio presidencial e a informação oficial é de que o presidente da República vai se licenciar por tempo indeterminado. O vice-presidente, Café Filho, assumirá o governo. (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 24 de agosto de 1954).

Nas bancas, os jornais matutinos destacavam o pedido de licença de Getúlio encaminhado na reunião ministerial da madrugada. Mas o presidente, na realidade, já estava morto. Às oito horas e trinta minutos do dia 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas suicidava-se com um tiro no coração. Poucos minutos depois, o *Repórter Esso* deu a notícia em edição extraordinária, seguida da leitura da carta-testamento de Vargas, trazida por Victor Costa aos estúdios da *Rádio Nacional*.

E atenção! Acaba de suicidar-se em seus aposentos no Palácio do Catete o presidente Getúlio Vargas! (DOMINGUES, In: *Repórter Esso*, 24 de agosto de 1954; edição extraordinária)

A reportagem da *Rádio Nacional* realizou a cobertura completa dos fatos relacionados com a morte do presidente Getúlio Vargas. A narração da carta-testamento realizada por Heron Domingues também contribuiu para que essa notícia ficasse marcada para sempre na história do jornalismo brasileiro. Enquanto isso o *Repórter Esso* noticiava o que aconteceu no Palácio do Catete, os manifestantes atacavam jornais de oposição e apedrejavam a embaixada americana.

Atenção! Atenção, ouvintes! Além do bilhete deixado por Getúlio Vargas há uma carta encontrada ao lado do seu corpo que diz: “Mais uma vez as forças que os interesses contra o povo coordenaram novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, me insultam. Não me combatem, caluniam-me. Não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação para que eu continue a defender como sempre defendi o povo e, principalmente, os humildes. Sigo o destino que me é imposto. (...) Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. (...) Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo não será escravo de ninguém. (...) Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.” (DOMINGUES, In: Repórter Esso, 24 de agosto de 1954; edição extraordinária)

Ainda na década de 1950, o rádio percebe que terá que disputar a audiência com a televisão. Quando a *TV Tupi* foi inaugurada, em São Paulo, no ano de 1950, apenas cinco aparelhos tinham sido vendidos na capital paulista. Assis Chateaubriand, dono da emissora, comprou 200 aparelhos e os distribuiu para amigos e personalidades importantes. Além disso, Chateaubriand mandou espalhar receptores em algumas praças e ruas da cidade, atraindo milhares de curiosos. Em 1956, o número de televisores vendidos no país chegava a 260 mil, e, no fim da década, o Brasil já teria oito emissoras de televisão.

A partir desse momento, vários profissionais migram do rádio para a televisão e, para se adequar aos novos tempos, as emissoras radiofônicas começam a desenvolver programas de modo a aproveitar a mobilidade do veículo e o baixo custo de produção. Um exemplo da migração do rádio para a televisão ocorreria com o próprio *Repórter Esso*. No dia 4 de maio de 1952, estrearia na *TV Tupi* do Rio de Janeiro (Canal 6), *O Seu Repórter Esso*, que permaneceu no ar por 18 anos, até 31 de dezembro de 1970.

Durante a década de 1960, o *Repórter Esso* informaria o país sobre a Revolução Cultural na China de Mao Tsé-Tung, a renúncia do presidente Jânio Quadros e o assassinato do presidente norte-americano John Kennedy. Esse período também ficaria

marcado pela saída de Heron Domingues da função de *Repórter Esso* oficial do rádio, que aceitaria um convite para ingressar na televisão, em 1962.

O *Repórter Esso* encerrou suas transmissões no dia 31 de dezembro de 1968, 27 anos depois da primeira transmissão. Já sendo transmitido pela *Rádio Globo*, caberia ao locutor Roberto Figueiredo, substituto de Heron Domingues no *Repórter Esso*, a tarefa de realizar a última transmissão do noticioso, com um resumo das principais manchetes do programa.

E atenção! Durante 27 anos o Repórter Esso, a testemunha ocular da história, esteve presente aos mais importantes acontecimentos ocorridos no Brasil e no mundo. Entrando no ar pela primeira vez em agosto de 1941, durante os seus primeiros 4 anos de vida, o Repórter Esso foi sempre o primeiro a dar as últimas da Segunda Grande Guerra Mundial. Assim, nesta sua última edição radiofônica, pode o seu Repórter Esso recordar as mais sensacionais informações transmitidas para todo Brasil e em toda sua vida. Autêntico recorde de manutenção no ar de um programa noticioso.

1941 => Os japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbor.

1944 => Os aliados abrem a segunda frente e desembarcam nas praias da Normandia.

1945 => O Repórter Esso começa a transmitir notícias brasileiras e anuncia a deposição de Getúlio Vargas.

1946 => O Brasil entra em nova fase política com a promulgação da Constituição de 18 de setembro.

1948 => O Partido Comunista do Brasil é colocado fora da lei. O Brasil rompe relações com a União Soviética.

1949 => O seu Repórter Esso vai aos EUA e transmite edições especiais de Nova York e Washington com a visita do presidente Eurico Gaspar Dutra.

1950 => Os comunistas atravessam o paralelo 38: começa a Guerra da Coreia.

1951 => Eleito pelo voto direto, Getúlio Vargas ao governo.

1953 => O armistício de Panmunjom.

1954 => Suicídio de Getúlio Vargas.

1955 => Descoberta a vacina anti-pólio. Deposição de Carlos Luz e Café Filho.

1956 => A União Soviética esmaga pela força a rebelião anti-comunista na Hungria.

1957 => Explode a primeira bomba de hidrogênio.

1958 => Os russos lançam ao espaço o primeiro Sputnik.

1959 => Fidel Castro vence a Revolução Cubana.

1960 => O seu Repórter Esso vai a Brasília para transmitir os detalhes da inauguração da nova capital do Brasil.

1961 => Renuncia Jânio Quadros.

1962 => o presidente Kennedy determina o bloqueio aeronaval de Cuba.

1963 => Assassinado em Dallas, o presidente John Fitzgerald Kennedy.

1964 => Revolução brasileira nas ruas: deposto o senhor João Goulart.

1965 => Os americanos promovem o primeiro encontro no espaço sideral.

1966 => Mao Tsé-Tung lança a revolução cultural na China Vermelha.

1967 => O Papa Paulo VI lança a sua encíclica *Populorum Progressio*.

1968 => Estados Unidos em foco: assassinados Luther King e Robert Kennedy. Os americanos fazem a primeira viagem em torno da Lua.

O Repórter Esso é um serviço público da Esso Brasileira de Petróleo. Os revendedores Esso encerram aqui o seu período de apresentações através do rádio. Boa noite, ouvintes e feliz ano novo. Esses são os votos da Esso. (FIGUEIREDO, In: Repórter Esso, 31 de dezembro de 1968)

A locução emocionada de Roberto Figueiredo na última transmissão do *Repórter Esso* encerrava uma era. Mesmo dando maior destaque às notícias internacionais, o valor histórico do *Repórter Esso* é inegável. O noticioso da Esso Standard Oil esteve presente nos principais acontecimentos nacionais e internacionais durante os seus 27 anos de transmissões, informando seus ouvintes em todo o Brasil, em tempos de guerra e em tempos de paz.

3. DEPOIMENTOS DE QUEM FEZ, QUEM FAZ E DE QUEM OUVE RÁDIO NO BRASIL

Até hoje o *Repórter Esso* é considerado um dos jornais radiofônicos mais famosos da história dos meios de comunicação brasileiros. Ele viria a servir de modelo para muitos dos jornais radiofônicos e televisivos que surgiriam depois dele. A técnica de Heron Domingues ao microfone (e, num período posterior, em frente às câmeras), influenciou grande parte dos locutores e noticiaristas do Brasil.

Desde a primeira edição do noticiário, em 1941, muito ainda iria se criar em matéria de radiojornalismo nos anos seguintes. Contudo, o *Repórter Esso* é celebrado até hoje por radialistas e estudiosos do rádio como sinônimo de credibilidade, pioneirismo e agilidade no radiojornalismo nacional, chegando a ser considerado o marco inicial da atividade no país. Boa parte das suas regras de redação e produção são utilizadas até hoje nas emissoras de rádio.

Já se passaram 65 anos desde a primeira transmissão do *Repórter Esso* no Brasil. Muitos profissionais ajudaram a construir esse status de credibilidade e agilidade que o *Repórter Esso* mantém até os dias de hoje. Locutores, produtores, redatores, operadores, sonoplastas e muitos outros são responsáveis pelo sucesso do noticioso no Brasil e, por que não dizer, pelo início do radiojornalismo no Brasil. Entretanto, para que se melhor compreenda o impacto causado pelo noticioso da Esso, é necessário recorrer aos relatos e às opiniões dos profissionais e dos próprios ouvintes que acompanharam toda a trajetória do *Repórter Esso*. Dalmácio Jordão, locutor do noticioso em São Paulo, foi dos profissionais que testemunharam esse impacto junto ao público.

O Repórter Esso marcou uma época e toda uma geração. (...) As famílias reuniram-se para ouvir o programa. (...) O prestígio era tanto que, se alguém quisesse confirmar uma notícia, perguntava antes se ela tinha sido dada no Repórter Esso. (ABERT, 1996, p. 13 e 14)

É bom lembrar que grande parte desse sucesso se deve ao fato do *Repórter Esso* passar a ser irradiado em ondas curtas pela *Rádio Nacional* a partir do ano de 1944.

Tal iniciativa possibilitava a recepção do noticiário em qualquer ponto do país. O ator e compositor Mario Lago, além de também ter testemunhado boa parte dessa produção jornalística (o ator fazia parte do elenco da *Nacional*), lembrava que o *Repórter Esso* teve um papel fundamental no cotidiano da população brasileira.

Ainda não apareceu nada para se comparar à importância que tinha o Esso. A coisa ganhou tal ponto de fanatismo que não adiantava uma estação noticiar fosse lá o que fosse. O máximo que ia acontecer era as pobres telefonistas da Nacional entrarem em pânico, a mesa engarrafada, pois não paravam os telefonemas querendo confirmação. Se o Esso não confirmasse era como se não tivesse havido a notícia. (LAGO. 1977, p. 108)

Com todas as novas técnicas de elaboração de um jornal-falado vindas da agência de publicidade McCann-Eriksson, aliada à cobertura jornalística da United Press (UPI), as notícias divulgadas pelo *Repórter Esso* influenciariam toda a produção jornalística nas emissoras de rádio brasileiras. Em pouco tempo, o noticioso da Esso, e, por conseguinte, seu formato e todas as técnicas de produção seriam copiados por vários jornais-falados da época e por outros que viriam a seguir.

Sônia Virgínia Moreira, em entrevista ao programa *Redação Nacional*, da *Rádio Nacional*, por conta das comemorações dos 65 anos do noticioso da Esso, no dia 28 de agosto de 2006, aponta o noticioso como uma das maiores revoluções ocorridas na produção radiofônica brasileira.

Na verdade, a gente pode dizer que o Repórter Esso inaugurou o radiojornalismo no Brasil da maneira que a gente conhece hoje. Porque antes, o jornalismo de rádio era muito influenciado pelo jornalismo impresso, inclusive as matérias, as notícias eram recortadas do jornal - e daí vem inclusive o termo gilette-press. (...) E os locutores liam um texto que era difícil de ler no rádio porque ele era feito para ser impresso. (MOREIRA. Depoimento gravado, 28 de agosto de 2006)

Sônia Virgínia Moreira também destacaria a atuação de Heron Domingues à frente do noticioso, apontando-o como um dos principais, senão o principal responsável pela credibilidade dada ao *Repórter Esso*. E todo esse processo teria início a partir dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial.

A coisa mais interessante que aconteceu foi que a Rádio Nacional não foi a primeira mas as pessoas todas só acreditaram mesmo que a Guerra tinha terminado quando ouviram essa informação pela voz do Heron. Então isso é uma coisa fantástica, porque era o símbolo da Rádio Nacional e de uma figura como o Heron naquela época que era fantástico e, principalmente, importantíssimo para o radiojornalismo que era a credibilidade. Então essa credibilidade quem tinha era a Rádio Nacional, era o Repórter Esso e era o Heron. E isso é uma coisa tão importante, essa credibilidade que ele tem, que depois ele vai fundar o próprio jornalismo na Rádio Nacional. (Idem, 28 de agosto de 2006)

O rádio-ator e comunicador Gerda dos Santos, acompanhou o auge do *Repórter Esso*. Depois de ter passado pela *Rádio Tupi*, pela *Rádio Globo* e pela *Rádio Clube do Brasil*, veio para a *Rádio Nacional* em 1953, para atuar no rádio-teatro da emissora. Gerda viu de perto o êxito do noticioso junto ao público e chegou até a acompanhar algumas das primeiras experiências televisivas na emissora da Praça Mauá em meados da década de 1950. De acordo com os seus relatos, Heron Domingues já fazia planos para o que viria a ser a Televisão Nacional.

Heron Domingues foi um homem de uma sensibilidade muito grande. (...) A Rádio Nacional tinha uma concessão de um canal de televisão. E certa vez, o Heron Domingues conversou comigo lá no jornalismo, me explicando o que seria a televisão brasileira, que já tinha o seu material no porto do Rio de Janeiro. Só faltava instalar com o aprova do presidente da República. E ouvi do Heron Domingues, ele contar o que era a Rádio Nacional, e o que seria a Nacional com a televisão. A frustração dos nossos companheiros da rádio, porque não veio a televisão. Heron era um homem assim: ele conhecia profundamente o radiojornalismo e também a

televisão. Ele era estudioso. Era um homem preparado até, talvez preparado para dirigir a Televisão Nacional. (DOS SANTOS, depoimento ao autor, 2006)

Gerdau dos Santos também destacou o que ele considera um dos principais motivos do sucesso do *Repórter Esso*: o prefixo de fanfarras e clarins composto e executado pelo Maestro Carioca. Gerdau fez questão de enfatizar a reação das pessoas na rua e até dos próprios funcionários da *Rádio Nacional* quando o prefixo era tocado nas quatro edições do noticioso. Segundo Gerdau dos Santos, esse impacto era ainda maior quando uma edição extraordinária do noticioso era transmitida. Esse impacto foi percebido e sentido por ele em manchetes famosas como o fim da Segunda Guerra, o suicídio do presidente Getúlio Vargas, o lançamento do Sputnik pelos soviéticos e a Revolução Cultural na China de Mao Tsé-Tung.

A equipe pioneira de jornalistas da *Rádio Nacional* – entre eles Leony Mesquita, Jacira Gomes, Nestor de Holanda e o próprio Heron Domingues – foram, sem dúvida, imprescindíveis nesse sucesso do *Repórter Esso*. Mas, o que seria da antiga PRE-8 se não fossem os profissionais da área técnica, que também trabalharam para que a *Nacional* conquistasse seu lugar na história da radiodifusão brasileira? Operadores de áudio, sonoplastas, técnicos de manutenção, operadores de externa, telefonistas... Cada um deles deu a sua contribuição para a emissora da Praça Mauá.

O técnico em telefonia Djalma de Castro é um destes funcionários que presenciaram o auge do *Repórter Esso* e que ainda fazem parte dos quadros da *Rádio Nacional*. Na emissora desde 1957, Djalma chegou a trabalhar diretamente com Heron Domingues e recorda a cobertura das eleições que a antiga PRE-8 realizava com todas as dificuldades e a penetração que a emissora possuía.

Comecei a conhecer o pessoal todo da rádio. Fabuloso, no jornalismo, por exemplo, Heron Domingues, uma equipe de jornalismo que, até hoje, eu sinto falta. Era uma coisa impressionante. (...) Quando chegavam as eleições, a Rádio Nacional fazia uma cobertura no Brasil inteiro e passava no mundo inteiro, porque nós tínhamos naquela época três ondas curtas:

L7, L8 e L9. No dia das eleições corria tudo bem. Mas dois dias depois, nesses corredores daqui da rádio, o que tinha de político do Brasil inteiro... Isso ficava lotado porque nós fazíamos um tipo de apuração cobrindo o Brasil inteiro, tudo instantâneo. (DE CASTRO, depoimento ao autor, 2006)

Além de Djalma de Castro, outros profissionais da área técnica daquela época ainda trabalham na *Rádio Nacional*. E todos eles não deixaram de comentar a dedicação e o respeito dado às opiniões de Heron Domingues e a sua preocupação com o futuro do *Repórter Esso* e de todo o jornalismo da *Rádio Nacional*.

O Heron Domingues era um cara muito exigente. Ele tão exigente que o pessoal não deixava de consultar qualquer dúvida com ele. E ele, às vezes, virava e dizia assim: 'Nesta rádio nós temos que ter locutores que tenham dicção e que possam conservar essa rádio como ela sempre foi.' (Idem, 2006)

Cada vez que o prefixo do *Repórter Esso* tocava no rádio, os próprios funcionários da antiga PRE-8 ficavam apreensivos, aguardando as notícias. Osmar Frasão, comunicador da *Rádio Nacional* e ex-diretor da emissora, conta que, certa vez, nos anos 1970, na extinta *TV Rio*, se realizou uma homenagem ao noticioso da Esso e ao Maestro Carioca, que compôs o seu prefixo. Num dado momento, o prefixo do programa foi tocado de surpresa, sem que ninguém estivesse esperando. Frasão conta que a mesma apreensão dos anos 40 e 50 estava estampada no rosto das pessoas, como se o próprio Heron Domingues estivesse se encaminhando para o microfone dar as últimas do dia. (Dpm. ao autor; 18 de setembro de 2006)

Bernardino Bittencourt, operador de áudio da *Nacional* há quase 50 anos, começou na emissora como segurança do auditório da *Rádio Nacional* antes de se integrar à área técnica da emissora. "Seu Dino" trabalhou com vários nomes consagrados da emissora e resumiu em poucas palavras a atuação de Heron Domingues na equipe de radiojornalismo da antiga PRE-8: "*Trabalhei muitas vezes com ele. O Heron era bom pra caramba!*" (Dpm. ao autor; novembro de 2006)

Djalma de Castro também relembra o preparo e a dedicação dos profissionais na cobertura dos fatos, além da agitação entre os ouvintes depois de cada edição do *Repórter Esso* lida por Heron Domingues.

A rádio sempre estava preparada para tudo que viesse. Pensava-se sempre 360 graus. Era impressionante. Qualquer notícia do Repórter Esso que fosse dada, aquilo era o que valia. O Brasil inteiro ficava esperando o Repórter Esso. (...) As mesas telefônicas daqui não paravam. (...) O Brasil ficava todo voltado para a Rádio Nacional. (DE CASTRO, depoimento ao autor, 2006)

Além de Djalma de Castro, Gerdau dos Santos e Bernardino Bittencourt, a *Rádio Nacional* ainda conta com mais profissionais que viveram os tempos áureos da emissora: a atriz e comunicadora Daisy Lucidi e o técnico em manutenção Newton Fonseca, ambos funcionários que conviveram com o sucesso do *Repórter Esso*.

Por esses e por muitos outros motivos é que a emissora da Praça Mauá conseguiu deixar a sua marca na história da radiodifusão brasileira e o *Repórter Esso* na história do jornalismo brasileiro. A dedicação dos jornalistas, dos técnicos e dos demais profissionais envolvidos na transmissão e na produção não só do *Repórter Esso*, mas de qualquer outro programa da *Nacional*, deve ser considerada a principal razão de todo esse sucesso. Graças a eles, é que o radiojornalismo brasileiro pôde, enfim, aparecer para ficar. Muito ainda se faria. Mas tudo começou com eles.

CONCLUSÕES

Desde fundação da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* por Roquette-Pinto, em 1923, o rádio no Brasil se aperfeiçoou bastante, passando do amadorismo para a profissionalização, ainda em meados dos anos 1930. Com a publicidade, as emissoras deixaram para trás uma programação erudita para se voltar quase que completamente para uma programação popular. Com o passar dos anos, o público começou a fazer fila nas portas das emissoras, seja para participar de um programa de auditório, de um programa de calouros ou para assistir a um show do seu cantor preferido. Até o surgimento da televisão no Brasil, no ano de 1950, o rádio era o principal meio de comunicação e a principal fonte de informação das pessoas.

Grande parte desse sucesso que o rádio teve junto ao público se deve à antiga PRE-8, *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro. Fundada em setembro de 1936, a *Nacional* reuniu os melhores profissionais do ramo, implementando inovações na produção e na linguagem radiofônica. Mas foi a partir do encampamento da emissora pelo governo de Getúlio Vargas, em 1940, que a emissora da Praça Mauá viveria o seu auge. Ela chegaria a ser considerada uma das cinco maiores emissoras de rádio do planeta, devido ao seu alcance e à qualidade da sua programação.

E foi também *Rádio Nacional* que o radiojornalismo brasileiro teve seu início, com a primeira transmissão do *Repórter Esso*. E o noticiário da Esso Standard Oil fez tanto sucesso que, segundo os relatos dos ouvintes daquela época, só se acreditava numa notícia caso ela tivesse sido transmitida no *Repórter Esso*. Até ali, a produção jornalística nas emissoras de rádio só se limitavam a recortar notícias dos jornais da época e lê-las ao microfone, sem qualquer preparo e adequação à linguagem do rádio. Por isso, o *Repórter Esso* é considerado por vários estudiosos, radialistas e jornalistas como o marco inicial da produção jornalística na radiodifusão brasileira.

O noticioso da Esso acabaria por influenciar todos os jornais-falados que viriam em seguida. Na *Rádio Tupi*, por exemplo, já eram transmitidos programas informativos que também conquistariam índices significativos de audiência. O *Matutino Tupi* é um desses programas. Irradiado ininterruptamente no horário no horário da manhã

durante 31 anos (entre 1946 e 1977), cobriu os mais diversos setores da sociedade. Entretanto, o programa se limitava a reproduzir as notícias que estavam nos jornais que faziam parte dos *Diários Associados*, às quais, em sua maioria, eram tiradas de *O Jornal*. A *Rádio Tupi* também escreveria mais algumas páginas do radiojornalismo brasileiro com a estréia do *Grande Jornal Falado Tupi*.

Outro exemplo de emissora de rádio que também investiu na sua produção jornalística foi a *Rádio Jornal do Brasil*. A antiga PRF-4 passa a adotar a produção jornalística nos mesmos moldes do *Repórter Esso*, inclusive com um locutor exclusivo para as quatro edições diárias de *O Jornal do Brasil Informa*.

A reforma gráfica do Jornal do Brasil, comandada em 1955 por Odylo Costa Filho, levaria a empresa a buscar também uma feição mais avançada para a sua estação de ondas médias, até então identificada com as transmissões turísticas de Teófilo de Vasconcelos, música clássica e fins de noite embalados pelas fantasias orquestrais de Música Melodiosa, sob o patrocínio da Agência Hugo de Automóveis. (SAROLDI & MOREIRA, 2005, p. 150)

A modernização da *Rádio Jornal do Brasil* se completaria com o famoso slogan “música e informação”, que seria mais ampliado nos anos 1960 por Fernando Veiga. A emissora expande o seu Departamento de Jornalismo e lança boletins de notícias de meia em meia hora, além do Serviço de Utilidade Pública.

A partir do *Repórter Esso*, a capacidade do rádio enquanto um meio ágil para a transmissão de informação passaria a ser mais explorada. Além disso, as suas regras seriam adotadas (e, às vezes, adaptadas) em várias outras emissoras do país. O rádio passaria a ser considerado um veículo rápido e eficiente na transmissão da notícia. Para se ter uma idéia do que o noticioso da Esso foi para o radiojornalismo brasileiro, as suas regras básicas são cumpridas até os dias atuais.

Entretanto, o que um estudo sobre as principais características do *Repórter Esso* podem proporcionar aos estudantes e aos profissionais de jornalismo, por exemplo?

Por que falar da *Rádio Nacional*, que já é mencionada em várias publicações e periódicos? Por que se falar de rádio se existem tantas possibilidades na televisão ou na Internet?

Sempre que se fala de qualquer aspecto dos tempos áureos da *Rádio Nacional*, sempre se percebe um clima de nostalgia, principalmente entre os ouvintes mais idosos, que sempre fazem questão de dizer que não perdiam uma edição do *PRK-30*, que sempre ouviam os jogos do campeonato carioca pelas ondas da *Nacional*, que choraram nas últimas edições de *Em Busca da Felicidade* e *O Direito de Nascer*, que faziam fila para participar dos programas de auditório de César de Alencar, Paulo Gracindo e Manuel Barcelos, e que cada edição do *Repórter Esso* era ouvida religiosamente em todos os seus horários. O que para alguns pode ser apenas o resgate de um passado que não volta mais, para outros pode se tornar matéria-prima para criação de novos programas no rádio.

Quando se fala no grande período da Rádio Nacional, não se está fazendo nostalgia, (...) mas sim porque era realmente muito bom o produto que eles faziam. (...) Não só em notícias, mas também nos programas montados, no humorismo, nas transmissões esportivas e tudo mais. (...) Não é um museu a Rádio Nacional. Não deve ser. Ela deve ser um laboratório tão importante para hoje em dia como foi no passado. Então que se deveria investir, no caso o governo, através da Radiobrás, para que se estimulasse nos profissionais de rádio esse pensamento, essa busca de novas formas radiofônicas tão boas, equivalentes àquelas que a Rádio Nacional criou. Não copiar aquilo que foi feito. Mas, simplesmente, usar aqueles modelos para montar uma nova proposta adequada aos tempos que nós estamos vivendo. (SAROLDI, depoimento gravado, em 28 de agosto de 2006)

O *Repórter Esso* foi tão importante para o radiojornalismo brasileiro assim como Pelé e Garrincha foram para o futebol. Então, que se estimule desde já, nos estudantes de comunicação essa criatividade que possibilitou, 65 anos atrás, a criação de um programa de notícias que hoje pode parecer até irrisório, mas que deixou marcar profundas na história do nosso jornalismo.

REFERÊNCIAS

CALABRE, Lia. *No Tempo do Rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923 – 1960)*. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/UFF, 2002 (Tese de Doutorado)

DOMINGUES, Heron. “Técnica e execução do radiojornalismo”. Texto inédito, Rio de Janeiro, 1949.

“E atenção: acabou o Repórter Esso.” Revista Veja. Ed. Abril, p. 57, 08 de janeiro de 1969.

“Rádio Nacional: uma rádio que faz história - Depoimentos”. Disponível em <http://www.radiobras.gov.br/nacionalrj/especialnacrj/html/robertosalvador.php>.

FREDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982. (Coleção Meios de Comunicação Social; 23. Série Manuais; 10). 168p.

KLÖCKNER, Luciano. et al. *O REPÓRTER ESSO E GETÚLIO VARGAS*. Trabalho apresentado no 2º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

LAGO, Mário. *Bagaço de beira-estrada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

LOPES, Merival Julio. *A influência estrangeira no jornalismo brasileiro*. Niterói, Departamento de Comunicação e Arte/UFF, 1979. Tese (curso público).

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed. 1991

“O pioneirismo que mudou a cara do jornalismo brasileiro”. Revista Abert, n.º 111, p. 12-14, Rio de Janeiro, Maio/Junho 1996.

“O rádio no Brasil: da fundação ao final do Estado Novo.” Disponível em:
<http://www.radiojornalismo.com/midiatexto/midiatexto4.htm>

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985. (Novas buscas em comunicação; v.3).

PINHEIRO, Claudia. *A Rádio Nacional: alguns momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Ed. 2005.

“Rádio Nacional - 20 anos de liderança a serviço do Brasil”. Edição Comemorativa, Rio de Janeiro, Rádio Nacional, 1956.

“Repórter Esso deu vida nova ao rádio-jornalismo”. Revista do Rádio, n.º 18 (844), p. 25-26, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1955.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: O Brasil em sintonia*. - 3.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Depoimentos transcritos:

Heron Domingues.

In: Repórter Esso – Instruções Gerais. Arquivo da Rádio Nacional. D. 2639/80.

Almirante

Beatriz Roquette

Edgard Roquette-Pinto

José Maria Manso

Luiz Carlos Saroldi

Paulo Tapajós

Renato Murce

Sônia Virgínia Moreira.

In: “O Rádio no Brasil”, Serviço Brasileiro da BBC, 1998. Programas n.º 1, 2, 3 e 6.

Depoimentos cedidos ao autor:

Bernardino Bittencourt, 12 de novembro de 2006.

Djalma de Castro, 24 de novembro de 2006.

Gerdau dos Santos, 1º de junho de 2006.

Osmar Frasão, 18 de setembro de 2006.

Depoimentos transcritos do Programa Redação Nacional da Rádio Nacional, do dia 28 de agosto de 2006:

Luiz Carlos Saroldi

Sônia Virgínia Moreira